

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VINICIUS FERREIRA BARTH

AS *VIDAS* DE PORFÍRIO: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DE
BIOGRAFIAS NA ANTIGÜIDADE.

CURITIBA

2010

VINICIUS FERREIRA BARTH

AS VIDAS DE PORFÍRIO: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DE
BIOGRAFIAS NA ANTIGÜIDADE.

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica II do Curso de Letras Português-Grego da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras com ênfase em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Bernardo G. dos Santos Brandão.

CURITIBA

2010

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a todos, de verdade.

O curso de Letras me mostrou o quanto fazer ciência e enfrentar as burocracias acadêmicas pode, no fim das contas, ser sim um tanto divertido. Tanto entre alunos, meus colegas, como entre professores, fiz amigos que devo levar para o resto da vida. Impossível citar aqui todos aqueles que de um modo ou de outro acompanharam a trajetória desta pesquisa ou, mesmo sem saber, abriram meus olhos para novas descobertas.

Agradeço imensamente ao Departamento de Estudos Clássicos da nossa UFPR, já que todos ali foram meus orientadores em algum momento do curso, formal ou informalmente. Além disso, e muito mais importante, agradeço pela amizade, pelos votos de confiança, pelas cervejas e pelos espetinhos de carneiro.

E agradeço àqueles que influenciaram diretamente o resultado deste trabalho ou estiveram presentes no decorrer de todo esse processo:

Ao professor Pedro Ipiranga Jr., grande amigo e mestre durante toda a minha graduação. Quase que um eterno orientador e, agora, avaliador deste trabalho no qual depositou tanta confiança. Também dedico a você este trabalho por saber que este tema lhe é tão caro. Χαίρη!

Ao professor Bernardo Brandão, por ter aceitado assumir a orientação de um trabalho já em andamento; por ter se revelado não só um amigo, mas o melhor possível; por ter me dado uma autonomia de gente grande para a condução do trabalho; por ter me lembrado da minha essência, e de que todo *hardão* canta a sua própria balada.

Ao Christian, o grande Vaz, eterno parceiro.

Ao Gigio e à Ana, por terem acompanhado toda a odisséia, e por terem me convencido de que no final tudo ficaria bem.

Ao Adriano, pelas traduções de excertos em inglês, pelas inúmeras conversas sobre poesia e pela grande amizade.

À Rafaela, por ser o Diabo nos meus quarenta dias de monografia, por ser o meu empecilho preferido, e também pelas traduções dos excertos em espanhol.

Ao Sr. David Coverdale, por ser a reencarnação de Platão, e por sempre me dizer que ir atrás de mulheres é muito melhor do que trabalhar.

Aos Srs. B.B. King, Willie Nelson e Stevie Wonder, por sempre saberem o que dizer (e por terem me dado a chance de ouvir).

À tabacaria Tesoros de Cuba.

A Plotino e Pitágoras.

Acima de tudo, à minha família. Leticia e Helder, meus pais, sem os quais nada disso existiria. Leonardo, meu irmão e parceiro. A todos os meus avôs e avós. Meu tio Marcio, que me fez acreditar que estudar grego nem era tão estranho assim, e que sempre me foi um grande exemplo. E, em especial, ao meu avô Aristeu, que voltou aos braços de Cirene e pousou nos Elísios.

E a todos os outros que eu não citei nominalmente, ou esqueci, porque também sou um panaca.

“Não estou pensando em nada, e que bom!”

Álvaro de Campos

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar o funcionamento do gênero biográfico durante a Antigüidade, utilizando-se de textos de diferentes fases e autores para identificação de recorrências dentro do que esperaríamos de um modelo formal e argumentativo. Após as considerações sobre convenções formais da biografia e de aspectos gerais do século terceiro d.C. nos campos da religião e da filosofia, serão feitas as análises da *Vida de Plotino* e da *Vida de Pitágoras*, de Porfírio, e uma comparação final entre as duas obras dentro do modelo biográfico.

Palavras-chave: Biografia antiga. Século III. Porfírio.

ABSTRACT

This monograph aims to examine the functioning of the biographical genre in Antiquity, using texts from different centuries and authors to identify recurrences within what we would expect of a formal and argumentative model. After our considerations on formal conventions of biography and general aspects of the third century AD in the fields of religion and philosophy, we will analyze the *Life of Plotinus* and *Life of Pythagoras*, both written by Porphyry, and finally we will do a comparison between the two works in the biographic model.

Keywords: Ancient biography. Third century. Porphyry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: A Biografia na Antigüidade	10
CAPÍTULO 2: Porfírio	21
2.1: O Século III.....	22
2.2: Porfírio: vida e obra.....	24
2.3: A biografia na obra de Porfírio.....	26
CAPÍTULO 3: Vidas	29
3.1: Vida de Plotino.....	30
3.2: Vida de Pitágoras.....	39
3.3: Comparação.....	49
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata, na verdade, do resultado de vários trabalhos que foram feitos na área de biografia antiga durante a graduação, entre eles: artigos, apresentações orais, painéis e pesquisas vinculadas à iniciação científica. Tudo isso foi iniciado com os primeiros trabalhos sobre a questão da delimitação biografia-romance na obra *Ciropedia*, de Xenofonte. A partir daí os demais trabalhos começaram a aparecer, sempre no intuito de observar os modos como a tradição biográfica se interliga com a romanesca, e além disso, como ela se desenvolve dentro de seus próprios padrões. Por isso, textos como *Evágoras* e *Agesilau* nos são importantes. *Evágoras* por adotar uma forma de escrita biográfica até então inédita, e *Agesilau* por sistematizá-la em um uso um pouco mais organizado que viria a ser cristalizado e retomado por autores posteriores.

Textos como *Demônax*, de Luciano de Samósata, e a *Vida de Pitágoras*, de Porfírio, vieram depois e complementaram as pesquisas já realizadas, mas agora sob um olhar que se preocupava com a figuração do conceito de *homem santo*. O diálogo a partir desse tipo de texto se daria então mais fortemente com a hagiografia e com a filosofia, além de retomar a forma de escrita biográfica observada nos demais autores a que nos referimos. Há também a recorrência a outro texto de Porfírio, a *Vida de Plotino*, utilizado especificamente para este trabalho. Esta *Vida* não só está no contexto da escrita do homem santo como também apresenta novos elementos que trazem nova luz às considerações e ao que era esperado da formação de uma biografia.

Finalmente, a pesquisa foi direcionada especificamente a Porfírio, e nossa preocupação voltou-se ao contexto da concorrência entre o cristianismo e o neoplatonismo no século III d.C., quando a biografia assume um papel de campo de debates filosófico-religiosos. No centro disso estão nossos biografados, que não só têm suas vidas recontadas literariamente dentro dos textos, e aqui sem necessariamente algum compromisso com as suas respectivas “realidades históricas”, como também têm a função de assumir todo um pensamento filosófico e religioso de sua época e, mais que isso, confrontá-lo com doutrinas rivais com o intuito de angariar mais fiéis à sua causa – ou à causa do biógrafo.

É nesse sentido então que as análises deste trabalho serão direcionadas, percorrendo primeiramente o trato literário por que passam as biografias e refletindo

sobre a união do mito pessoal idealizado pelo biógrafo com a história verídica, para depois nos debruçarmos sobre as *Vidas* compostas por Porfírio e identificarmos seus contextos, ideologias, usos e fantasias.

CAPÍTULO 1

A Biografia na Antigüidade

Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.

(Os Lusíadas, X, 48-9)

Luis Vaz de Camões

Περὶ βιωῶν.

De início, levaremos em consideração, como o aspecto fundamental de construção de uma obra biográfica ou autobiográfica, o seguinte elemento: a biografia é a narração da vida de um indivíduo¹. Esta noção nos acompanhará durante o trabalho e nos servirá como um dos principais parâmetros de comparação entre os modos de trato textual empregados especificamente por cada autor. Embora o modo de tratamento desse percurso individual possa diferir entre as diversas obras, e isso diz respeito a outros elementos que compõem o cenário biográfico, é clara a configuração do estilo dentro dos parâmetros de “escrita da vida” de uma determinada personalidade.

Cox (1983), de modo mais particular, aponta a biografia como momento expressivo do biógrafo, fazendo de seu biografado uma espécie de caricatura que reúne diversos elementos ilustrativos². De acordo com ela, biógrafos como Porfírio e Eusébio “viram Deus nas vidas de seus heróis”³, o que motivaria a escrita da obra sob a autoridade do mito que fala pela boca de suas caricaturas⁴. Sua análise é certamente centrada na idéia da construção biográfica do “homem-santo”, assunto que abordaremos nos próximos capítulos de maneira mais detida, embora não possamos acreditar que esse tipo de biografia seja particularmente diferenciado dos demais. Ainda de acordo com Cox (1983), seriam elementos básicos da biografia: a apresentação do caráter do biografado na primeira parte da obra; e a ilustração desse caráter e suas qualidades por diálogos e histórias⁵ – e através disso chegaremos à anedota, elemento importante que reaparecerá em nossa discussão posteriormente.

De acordo com Bakhtin (1993), a biografia antiga se divide em dois tipos principais: o tipo *platônico*, como se vê n’*A Apologia de Sócrates* e no *Fédon*; e o tipo de *autobiografia* e *biografia retóricas*, que tem como base o *enkomion*, que é o discurso laudatório, ou o elogio. Sócrates demonstra isso de maneira clara em *Evágoras*: “Estou plenamente ciente de que o que proponho a fazer é difícil – elogiar em prosa (*λόγων ἐγκωμιάζειν*) as virtudes de um homem” (Sócrates, *Evágoras*, VIII).

¹ Levando em conta a afirmação de Momigliano (1991) na definição de biografia, que julgo pertinente: “*Eu designo pelo termo ‘biografia’ o relato da vida de um homem, de seu nascimento à sua morte*”.

² Cox, P. *Biography in Late Antiquity: a Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. xi.

³ *Ibid.*, p. xii.

⁴ *Idem*.

⁵ *Ibid.*, p. 8.

Xenofonte explicita o mesmo caráter encomiástico em *Agesilau*: “Agora darei conta das realizações de seu reinado, pois creio que seus feitos acenderão a mais clara das luzes sobre suas qualidades” (Xenofonte, *Agesilau*, 1, VI).

A respeito do primeiro tipo, o *platônico*, diz Bakhtin:

Denominaremos convencionalmente o primeiro tipo de platônico, pois se manifestou primeiro e mais nitidamente nas obras de Platão, como *A Apologia de Sócrates* e *Fédon*. Esse tipo de conscientização autobiográfica do homem está ligado às formas rígidas de metamorfose mitológica, em cuja base encontra-se o cronotopo “o caminho de vida do indivíduo que busca o verdadeiro conhecimento”. A vida desse indivíduo que busca, desmembra-se em épocas ou níveis precisamente limitados. O caminho passa pela ignorância presunçosa, pelo ceticismo autocrítico e pelo conhecimento de si mesmo para o verdadeiro conhecimento - Matemática e Música. (BAKHTIN, 1993, p. 250).

O tipo *platônico* bakhtiniano, portanto, embora diferenciado do tipo *retórico*, que é o nosso foco principal, pode nos fornecer bases de comparação em alguma medida para fixarmos uma idéia algo consistente da construção da trajetória de um sujeito por um processo de elaboração intelectual e espiritual a ele atribuído pelo texto biográfico. Podemos afirmar que o *cronotopo* do “caminho de vida” irá se manter, mesmo que de outras maneiras e servindo a outros propósitos, como discutiremos adiante, e a idéia de desenvolvimento pessoal também se mantém na maioria dos textos do gênero. Entretanto, traçando uma diferença fundamental entre os tipos, diz Bakhtin (1993) que o biografado do texto encomiástico não sofre “transformação” durante a sua trajetória, nem com relação à moral nem à virtude. De acordo com o autor, a grandeza de caráter se revela desde o nascimento e se mantém até a morte, que é geralmente narrada de maneira grandiloqüente. Tendo essas idéias em vista, observaremos alguns casos dentro do gênero que possam nos auxiliar na identificação desses elementos.

Passamos, assim, a um breve histórico do estilo e alguns aspectos gerais sobre as obras consideradas para o estudo.

Há incerteza sobre como se caracterizariam os textos biográficos encomiásticos até o século V a.C.. Momigliano (1991) nos diz que seria um discurso “puro”, sem a influência de outras áreas de conhecimento. É aceito que, enfim, haveria alguma forma de escrita biográfica nesse período, mas sua definição como

βίος só aparecerá a partir do período Helenístico⁶. Embora Platão nos seja uma fonte de importância para o estudo do gênero, em termos de comparação, pelas considerações de Bakhtin que vimos acima e que levam em conta a idéia de “trajetória individual”, nosso interesse se volta para o texto encomiástico que surge no século IV a.C., que tem uma característica peculiarmente romanesca no modo como é tratado e que se liga fortemente não só a questões sociais e políticas de sua época específica, mas também a discursos da história, da filosofia e da retórica.

Tomaremos primeiramente Xenofonte como um dos principais nomes para nosso uso, sendo ele originador de um discurso muito ligado ao gênero romanesco, na *Ciropedia*, e de forte influência, também por meio da formação do paradigma do gênero biográfico posterior, em autores que procuraram a forma biográfica como meio de mesclar o uso de seus personagens biográficos com discursos idealísticos ou educacionais. Seu texto, bastante recuado em relação aos primeiros registros caracterizados como de *prosa ficcional*, trata dos feitos do rei persa Ciro, figura de notável grandeza de caráter. O trato com a matéria biográfica é extenso e bastante distanciado do relato historiográfico⁷. Exemplo disso é a vasta construção de diálogos em discurso direto, estilo esse que anda na mão contrária da busca pela impessoalidade e veracidade da matéria narrada. Devemos ter em mente as palavras do próprio Xenofonte no prólogo da *Ciropedia*, com relação a Ciro: “Narraremos o que dele ouvimos, e o que pudemos alcançar por investigação própria”⁸. Assim, podemos considerar que a matéria histórica é trabalhada nas mãos do autor em medidas de composição narrativa, como propriamente uma prosa ficcional, ou, se nos for possível fazer essa comparação, um romance histórico, mesmo que ele mesmo afirme estar contando a mais pura verdade histórica⁹. Vale

⁶ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, pp. 39-40.

⁷ Sobre a presença do elemento ficcional nos discursos historiográfico e biográfico, ponto este sempre bastante discutido, diz Momigliano (1991), p. 85: “Na biografia, a fronteira entre a ficção e a realidade foi menor do que na própria história. O que os leitores esperam de uma biografia provavelmente diferia do que eles esperariam da história política. Eles queriam ser informados sobre a educação, a vida sentimental e o caráter de seus heróis. Mas sobre tudo isso há muito menos documentação que sobre as guerras e as reformas políticas. Portanto, se as biografias queriam manter os seus leitores, eram obrigadas a recorrer à ficção”.

⁸ Xenofonte, *Ciropedia*, I, p. 7.

⁹ Sobre o trato dado pelo biógrafo à matéria histórica, assim como à própria reinterpretação dos fatos, diz Cox (1983), p. 134: “Subjacente ao presente estudo é a convicção de que essas biografias não foram exercícios de destreza literária. Os biógrafos não estavam manipulando seus prismas - o conjunto de ideais que definiram seus modelos - simplesmente para reescrever a história. Pois, se os prismas serviam para distorcer a vida real dos biografados, eles também funcionaram para refletir as

lembrar ainda que o texto *Evágoras*, de Isócrates, serviu como base para que Xenofonte escrevesse o *Agésilau*, tomando daquele o molde que viria a desenvolver com mais consistência em seu próprio texto e consolidaria diversas convenções que viriam a ser retomadas por outros autores. O que interessa, afinal, com relação a estes textos no ponto atual da discussão é que Isócrates fez algo até então inédito, escrevendo a biografia de um contemporâneo. A *Ciropedia*, no entanto, é anterior a isso tudo.

A partir, então, de aceita a proposta de que se conte “fielmente” a vida de um homem, percorremos um texto como o da *Ciropedia* com notável fascínio pelos feitos esplendorosos de Ciro, desde a infância até a morte. O uso das anedotas cumpre esse papel de construção de grande personalidade de maneira muito convincente, e, no caso deste texto, fazendo uso de um estilo narrativo muito mais complexo do que em anedotas de outros textos biográficos que ainda veremos. Certamente o uso das anedotas cumpre um forte papel retórico dentro da obra, para que assim o leitor seja convencido pelos ensinamentos implícitos propostos pelo próprio autor. Um bom exemplo dentro da *Ciropedia*, para demonstrar a força com que Xenofonte afirma o caráter de Ciro, é o seguinte:

Araspas: (...) Sempre vos digo, Ciro, que eu e todos que a viram (a Panteia), pensamos que não haveria em toda a Ásia beleza igual. Deveis ir vê-la.

Ciro: O que me dizeis da sua rara formosura, apaga em mim o desejo de a ver.

Araspas: Por quê?

Ciro: Porque, se eu, não tendo vagar para isso, me resolvesse ir vê-la, movido somente pelo que me contais de sua beleza, receio que esta me provocasse a ir outra vez visitá-la, e que depois, desprezando os negócios de minha obrigação, me entretivesse constantemente na contemplação de sua formosura. (Xenofonte, *Ciropedia*, V)

Trechos como o citado acima levam a diversas discordâncias entre pesquisadores que tentam definir o gênero textual da *Ciropedia* dentro de um molde exclusivamente biográfico ou romanesco. Cox (1983), por exemplo, inclui apenas *Agésilau* em sua análise do trato biográfico dado por Xenofonte, deixando a *Ciropedia* de lado, sem nenhuma citação. Talvez não possamos crer que esta obra se defina tão simplesmente como é pretendido, como romance, já que há inúmeros

motivações e preocupações históricas dos próprios biógrafos. Biografias foram indicações pessoais, indicações estas que, embora formuladas em termos religiosos e filosóficos, responderam a preocupações sócio-políticas e culturais”.

exemplos de enxertos de caráter romanesco dentro da biografia¹⁰. Por isso, não nos preocuparemos em tentar definir em que moldes a *Ciropedia* se encaixa, limitando-nos a observar dados que nos são relevantes em termos de usos específicos do gênero biográfico.

De grande importância dentro do gênero também é o destaque à genealogia do biografado. Podemos esperar que na maioria dos casos encontraremos esquemas que re-montem às origens do sujeito como descendendo de grandes nomes de deuses e heróis da mitologia, o que em teoria reforçaria o aspecto grandioso que nos apresenta esse ser moralmente superior.

Ciro era filho de Cambises, rei da Pérsia. Este Cambises era da geração dos Perseidas, que se gloriam de descender de Perseu. A mãe de Ciro chamava-se Mandane, era filha de Astiages, rei da Média. (Xenofonte, *Ciropedia*, I)

O exemplo citado mostra que Ciro não só provavelmente fazia parte da linhagem de Perseu por parte de pai, como também era de “sangue real” por parte de mãe, sendo neto do rei da Média, com quem virá a relacionar-se muito intimamente no futuro e desenvolver grande parte de seus conhecimentos como soberano. Assim torna-se indubitável o destino valoroso que seria reservado a essa figura. Se nos atentarmos devidamente, fica visível a manobra que Xenofonte opera para levar o seu leitor a crer piamente que Ciro é de fato um exemplo a ser seguido. Desse tipo de evento hermenêutico surge a *Paidéia* de Xenofonte, e não só de Ciro. Podemos comparar, por exemplo, com a linhagem de Evágoras proposta por Isócrates, bastante extensa e que parte diretamente de Zeus, sendo então o argumento final:

Tão distinta desde o começo foi a herança transmitida a Evágoras por seus antepassados. Depois que a cidade foi fundada dessa maneira, a lei foi, a princípio, mantida pelo descendentes de Teucro. (Isócrates, *Evágoras*, XIX)

¹⁰ Tatum, J. The Education of Cyrus. In: Morgan & Stoneman (Org.). *Greek Fiction: The Greek Novel in Context*. London: Routledge, 1994, p. 27. “Devemos continuar a conceber a *Ciropedia* como um lugar em que Xenofonte interligou a política e a ficção em um único texto, tentando fazer esse encaixe em uma única leitura? Possivelmente. Mas a mais politizada das ficções Gregas tem algo importante em comum com os romances da antiguidade que se seguiu: ela é em seu cerne um texto profundamente erótico. De algum modo isso parece uma razão mais atraente para lê-la, agora, do que a razão que tivemos há tanto tempo, a de que o que Xenofonte e seus sucessores criaram foi, em certo sentido, inventado; a imagem mas não a realidade da verdadeira história”.

Pitágoras, em sua *Vida* escrita por Porfírio, apresenta também uma descendência de linhagem divina, embora o autor tenha a preocupação de registrar em seu texto as fontes de que retira suas informações, em um procedimento aproximado à historiografia:

Apolonio, em seus escritos sobre Pitágoras, aponta que sua mãe era Pitaide, descendente de Anceu, o fundador de Samos. Diz Apolonio que alguns relatam que era filho de Apolo e Pitaide por nascimento e, por nome, ser de Mnesarco. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, II)

Diversas ocasiões dentro da *Ciropedia* descrevem Ciro como um humano muito próximo à esfera divina. A mesma situação poderá ser observada em outros textos biográficos mais adiante. Um bom exemplo de quão especial é a situação de Ciro sob os olhares dos deuses está no trecho a seguir:

Depois, retirou-se a seu palácio, e, adormecendo, viu em sonho um personagem, cujo ar majestoso não era de mortal, e que se aproximou dele, dizendo:
- Preparai-vos, Ciro, dentro de pouco tempo ireis ter com os deuses.
Ciro despertou e entendeu que se aproximava o fim de sua vida. [...] (Xenofonte, *Ciropedia*, V)

Embora Xenofonte tenha “desempenhado a missão a que se propôs”¹¹ com sucesso, traçando um modelo educacional bastante complexo sobre uma personalidade supostamente ideal, não chega a haver no texto uma declaração explícita do autor sobre tal intenção formativa em sua obra. O mesmo não acontece no *Evágoras*, de Isócrates, em que o autor claramente afirma o aspecto pedagógico de seu texto ao dirigir-se ao seu interlocutor, Nicocles, filho de Evágoras:

Por essas razões, especialmente, eu me empreendi a escrever este discurso, porque acreditava que para vocês, para seus filhos, e para todos os descendentes de Evágoras, seria de longe o melhor incentivo, se alguém fosse reunir suas conquistas, dar-lhes adorno verbal e submetê-las a sua contemplação e estudo. (Isócrates, *Evágoras*, LXXVI)

Preocupação semelhante se vê explicitada em *Demônax*, de Luciano de Samósata:

A respeito de Demônax procede falar agora por duas razões: para que ele permaneça na recordação dos homens cultos no que de mim depende, e

¹¹ Xenofonte, *Ciropedia*, V.

para que os jovens melhor dotados que se entregam à filosofia não tenham somente os exemplos do passado para se orientar, se não que possam tomar também um modelo de nosso tempo e imitar aquele homem como o melhor dos filósofos que eu conheci. (Luciano, *Vida de Demônax*, II)

A construção do soberano ideal é, aliás, tema muito recorrente no gênero biográfico. Textos como a *Ciropedia* e *Agesilau* de Xenofonte, bem como o *Evágoras* de Isócrates, têm como fundamento principal a apresentação de personagens poderosas que possam captar a atenção de seus leitores por meio da elevação política e moral. A partir disso, se dão os acontecimentos educacional e apologético. Tanto a linhagem grandiosa como os grandes feitos da infância e da juventude apontam para um único fim, que é culminar na figura do líder de estado impecável. Tal impressão não se revela apenas em termos intelectuais e éticos, mas também em feitos militares e condições de perícia guerreira individual incomparáveis. Evágoras é um exemplo de personagem cuja condição soberana é usurpada, e a reconquista se dá quase que exclusivamente pelas suas próprias mãos, denotando assim sua qualidade sobre-humana por meio da violência:

[...]; mas quando ele foi forçado a ir à guerra, ele se provou ser tão valente, e tão valente era seu aliado, seu filho Pnitágoras, que ele quase subjugou todo o Chipre, arrasou a Fenícia, tomou Tiro como uma tempestade, causou a revolta da Cilícia contra o rei e matou tantos de seus inimigos que muitos dos persas, quando lamentam suas dores, lembram-se do valor de Evágoras. (Isócrates, *Evágoras*, LXII)

Até aqui pudemos observar alguns dos recursos pelos quais determinados autores constroem suas personagens biográficas. Ficam muito claras as diversas argumentações de engrandecimento, desde a infância e juventude, quase como de semideuses que têm como destino o comando de um povo e o respeito de seus adversários. Novamente, *Evágoras* nos dá um bom exemplo dessa construção de uma personalidade incomparável:

Tão sobrepujante era sua excelência, igualmente do corpo como da mente, que, quando os reis daquele tempo o viam, se sentiam aterrorizados e temiam pelo seu trono, pensando que não seria possível um homem daquela natureza passar sua vida no estado de um cidadão privado, mas sempre que observavam seu caráter, sentiam tanta confiança nele que acreditavam que mesmo se qualquer outra pessoa ousasse feri-los, Evágoras seria seu campeão. (Isócrates, *Evágoras*, XXIII)

Mas devemos considerar que há uma notável diferença entre as biografias que tratam das vidas de soberanos e líderes militares, e as que tratam das vidas de filósofos e líderes religiosos. Sobretudo, o foco não no percurso biográfico mas em cenas biográficas nos apresenta outro tipo de panorama da vida em questão, de modo que a preocupação se volte à apresentação da doutrina do biografado e de suas formas de agir e pensar por meio de anedotas, diálogos, discursos e citações textuais. Até aqui, em nossa abordagem, observamos predominantemente textos biográficos de personalidades militares, sendo esses: Ciro, Agesilau e Evágoras. Para tratar das vidas de homens santos¹², os principais textos de referência que adotamos são o *Demônax*, de Luciano de Samósata, e a *Vida de Pitágoras*, de Porfírio. Podemos comparar, assim, dois exemplos textuais de anedotas que cumprem essa função denotativa do caráter do biografado. Primeiro em Porfírio:

Afirmavam que, em uma ocasião, quando passava o rio Cáucaso com muitos de seus discípulos, Ihe dirigiu a este a palavra. E o rio, emitindo um som perceptível, que todos ouviram, Ihe respondeu: “Salve, Pitágoras”. E quase todos afirmam que, em um único e mesmo dia, tanto em Metaponte, de Itália, como em Tauromenio, de Sicília, se havia entrevistado e conversado cara a cara com os discípulos de um e outro lugar, sendo assim que mediavam, por terra e por mar, muitíssimos [lugares] que nem sequer se viajariam em vários dias. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XXVII)

E em Luciano:

E em uma ocasião em que se dispunha a zarpar em pleno inverno, um amigo Ihe fez uma objeção: “Não temes que a embarcação naufrague e que os peixes te devorem?” “Seria um ingrato – replicou – se temesse ser comido pelos peixes, eu que comi tantos deles”. (Luciano, *Vida de Demônax*, XXXV)

Aqui observamos não o aspecto inato de liderança ou demonstrações de habilidades físicas que causem grandes impressões, mas sim a narração de situações que ilustrem o modo de vida do biografado de acordo com a fidelidade à sua filosofia, ou a impressão causada em terceiros por essa mesma filosofia. O texto biográfico passa, aqui, por uma retratação diferenciada das anteriores, em uma nova fase ou nova categoria de *bíos*. Esses homens, tanto filósofos como santos,

¹² Nossa principal referência no que concerne ao homem santo é Cox (1983). Ela faz uma distinção importante que corrobora a que fizemos entre os tipos de biografias, embora sua análise ainda esteja focada principalmente nas vidas de filósofos: “Dois tipos básicos de filósofo divino – aqueles de que se dizia serem deuses ou filhos de deuses, e aqueles que eram em si mesmos divinos – eram comuns em biografias na Antigüidade Tardia”.

representam a filiação a um determinado tipo de pensamento, filosofia ou religião. Há aqui uma ligação com o discurso hagiográfico, mas em contexto pagão. De qualquer modo, podemos considerar que a função que o texto assume com relação à formação do seu leitor é muito semelhante.

A função da narrativa na formação do eu não é uma noção moderna; os autores da hagiografia reconhecem isso. Os textos de um certo número das *Vidas dos Santos* expressam uma consciência aguda da relação próxima entre discurso e auto-compreensão. Hagiógrafos, de modo bastante explícito, escrevem para oferecer a seus leitores modelos para ação humana. Nesse sentido, todas as *Vidas dos Santos*, sejam baseadas em figuras históricas ou não, podem ser consideradas “ficções”, modelos construídos para emulação em vez de retratos históricos.¹³

A idéia de formação, portanto, admite até mesmo que o biografado seja meramente um modelo emulado e ficcional, sem compromissos historiográficos. Uma idéia coerente não só com os textos de homens santos, mas também com os que vimos anteriormente a respeito de líderes militares. A *Ciropedia*, se a observarmos sob esse ponto de vista, serve tanto como uma crítica política manejada por Xenofonte, e direcionada aos gregos (e persas) de seu tempo, como também serve como um tipo de manual de conduta ao governante que queira se postar corretamente. Quem sabe uma antecipação d’*O Príncipe* de Maquiavel, o texto assumiria a imagem de “espelho para príncipes”¹⁴. *Evágoras*, como vimos, também se propõe a essa didática formativa e educacional.

O discurso hagiográfico, no entanto, volta-se para a auto-reflexão e formação filosófica do indivíduo. Deixa-se de lado a preocupação com o tema do amor entre homem e mulher, por exemplo, ao qual é dedicada grande atenção em textos de prosa ficcional, com a qual os textos biográficos eventualmente vêm a dialogar¹⁵, e outros temas como a piedade, o amor fraterno e a amizade entre homens vêm à tona¹⁶. Tais elementos constroem e solidificam a imagem do biografado e sua relação com o leitor. Ele se torna agradável e carismático.

¹³ Perkins, J. Representation in Greek Saints’ Lives. In: Morgan & Stoneman (Org.). *Greek Fiction: The Greek Novel in Context*. London: Routledge, 1994, p. 256.

¹⁴ Tatum, J. The Education of Cyrus. In: Morgan & Stoneman (Org.). *Greek Fiction: The Greek Novel in Context*. London: Routledge, 1994, p. 27.

¹⁵ Vale sempre lembrar da *Ciropedia*, texto que carrega fortes traços do gênero romanescos, e que contém longas incursões no tema do amor em cenas relacionadas à personagem Panteia.

¹⁶ Swain, S. Dio and Lucian. In: Morgan & Stoneman (Org.). *Greek Fiction: The Greek Novel in Context*. London: Routledge, 1994, p. 175.

Ao tratar das obras biográficas compostas por Porfírio e Jâmblico¹⁷, Gillian Clark (2000) faz a seguinte consideração a respeito de dois possíveis focos de leitura desse tipo de biografia:

Uma das possibilidades é a da vida para o estilo de vida: da notável βίος individual do antigo homem santo tardio, o carismático e milagroso filósofo, ao filósofo como um professor entre seus alunos, inspirando e promovendo um βίος filosófico para o qual sua própria vida é um tipo de protéptico. A outra é a de um debate através da fronteira entre pagão e Cristão ao debate interno Neoplatônico sobre a relação entre seres humanos com Deus, e portanto sobre o modo como devem viver.¹⁸

Embora o tema da biografia em Porfírio volte a ser desenvolvido mais detidamente nos próximos capítulos, desde já podemos começar a refletir a respeito das implicações de uma construção da obra enquanto vinculada a uma corrente filosófica específica, e como essa vinculação emerge do texto em direção ao leitor pelas mãos do autor, que não só defende uma concepção específica de sua filosofia por meio do seu biografado, mas também propõe debates que levam em conta diferentes crenças e seus modos de pensar a própria condição e a relação com os deuses.

Tal visão é central dentro do período ao qual dispensaremos maior atenção, que é o século III d.C., onde encontraremos um cenário politicamente conturbado. Com o Império Romano em crise e sucessivos golpes políticos culminando na troca rápida da figura do Imperador, gerou-se muita instabilidade e temor por parte da população. Tal declínio levou naturalmente a uma procura muito maior pela religião. Por isso, surge um cenário propício para o crescimento da religião nova, que é o Cristianismo, que arrebanha novos fiéis em proporções grandes o suficiente para que se gere uma reação do que seria a religião herdeira dos ritos antigos: o Neoplatonismo. Com a literatura e a historiografia em baixa nesse período, a biografia assume um papel importante como campo de debates filosófico-religiosos.

Todo esse panorama, assim como o uso da biografia pelos Neoplatônicos como defesa da doutrina frente à concorrência cristã, será o nosso assunto no próximo capítulo.

¹⁷ A saber: a *Vida de Pitágoras* e a *Vida de Plotino* por Porfírio; e a *Vida de Pitágoras* por Jâmblico.

¹⁸ Clark, G. *Philosophic Lives and Philosophic Life*. In: Hägg & Rousseau (Ed.). *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 29-30.

CAPÍTULO 2

Porfírio

Como podemos admitir que o divino tenha se tornado um embrião, e que após o seu nascimento tenha sido envolto em fraldas, coberto com sangue, com bile, e com coisas ainda piores?

Porfírio, em *Contra os cristãos*

2.1 O Século III¹⁹

Tentaremos aqui considerar alguns aspectos gerais do século III d.C. para que se contextualize a época e o pensamento de Porfírio. Sobre Roma, sabe-se que no campo das artes e da produção literária o pensamento comum apontava para um pessimismo com relação à condição da decadência humana. Esse tipo de reflexão não é novidade aqui, pois a consciência da deterioração já vem de tempos antigos, mas nota-se um sensível aumento no “côro dos pesares” do século terceiro.

A religião e a filosofia, por outro lado, parecem se tornar mais o centro das atenções do que jamais teriam sido em séculos. Havia, ao que sabemos, uma procura cada vez maior por uma “comunhão com Deus”, que se manifestava por meio da dispersão de diversas religiões entre povos de diversas culturas que habitavam um mesmo espaço, fundindo-se entre si e tolerando-se. Os velhos cultos não serviriam mais, então, para as maiores necessidades religiosas e morais da época. A filosofia torna-se modo de expressão intelectual de uma religião pessoal.

O cristianismo, ainda mais forte em termos de administração que em pensamento, opõe-se ao Neoplatonismo, principalmente no que se refere ao trato com os ritos antigos. A instituição parece adquirir força e arrebanhar cada vez mais novos fiéis, que se contentam com as festas públicas e demais atividades promovidas, que, não tão distanciadas ainda dos costumes antigos, solidificam-se e dão a essa religião um aspecto não muito diferente dos ritos já conhecidos.

O platonismo fez grande sucesso no Império, pois era tido propriamente como uma religião e, além disso, uma religião que alcança formas muito abrangentes dentro de uma mesma identidade. Talvez isso fosse impossível de se conseguir sem o expediente da teurgia, que seria, segundo Edwards (2000), um “pot-pourri de rituais para a união da alma com o reino divino”.

Por todos esses motivos, a literatura do período parece ter sido pouco favorecida. A biografia, no entanto, assume a função de saciar os gostos “noveleiros” de sua audiência²⁰, ao mesmo tempo em que veicula as principais mudanças por que passa a cultura grega. Isso porque, no cenário romano, a ética e a política têm muito mais espaço na vida do cidadão do que a metafísica. Um

¹⁹ Para informações mais aprofundadas a respeito da filosofia de Plotino contextualizada no século III, cf. Inge (1948), capítulo intitulado *O século terceiro*.

²⁰ Edwards, 2000, p. xxiii.

paradigma humano, portanto, seria mais funcional do que uma dissertação abstrata²¹.

Por haver tal procura por um aprofundamento espiritual e religioso por parte da população, houve naturalmente uma individualização dos costumes por parte desses cidadãos romanos, e, assim, o espírito cívico e a ostentação cívica foram deixados de lado.

Inge (1948) ainda trata da crescente influência do cristianismo no espírito da época:

A influência moral do cristianismo foi provavelmente considerável entre os adeptos de outras religiões. Ele tendia a tornar as relações sociais mais simpáticas, mais alegres (a alegria dos primeiros cristãos era uma de suas características mais óbvias), e mais democráticas. A maior falta da civilização pagã foi sua negligência e desprezo para com as mulheres, escravos e trabalhadores braçais, ou seja, para a grande maioria da raça humana. Foi aristocrática em um mau sentido e pagou a pena por isso. As massas, assim, permitiram que a cultura morresse, em parte porque nunca tinham sido autorizadas a compartilhá-la.

Sob este aspecto, nota-se que a preocupação do cristianismo em abranger todas as camadas da sociedade foi decisiva para a sobrevivência da religião. A filosofia plotiniana, que terá enorme influência até mesmo nos dogmas do próprio cristianismo posterior, desenvolve-se em paralelo.

Porfírio e Jâmblico seriam, tendo em vista esse cenário, debatedores de questões centrais para a filosofia Platônica: as relações da alma humana e do mundo material com os deuses, e a expressão e restauração dessas relações nas práticas filosóficas e religiosas²².

²¹ Idem.

²² Clark, G. *Philosophic Lives and Philosophic Life*. In: Häag & Rousseau (Ed.). *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 31.

2.2 Porfírio: vida e obra

Pouco se sabe a respeito da vida de Porfírio além do que consta na *Vida de Plotino*. Nascido em Tiro, na Fenícia, provavelmente no ano de 234 d.C., estudou com Longino em Atenas e com Plotino em Roma. Chamava a si mesmo de Porfírio, possivelmente um nome comum em Tiro na época, embora seu nome fosse Malcus, “rei” em sua língua natal.

Após ter estudado com o médio-platônico Longino em Atenas, de quem obteve uma educação muito mais literária que filosófica²³, passou cinco anos em Roma sob os ensinamentos de Plotino, convertendo-se então à versão deste do platonismo. Deixou Roma em direção à Sicília em 268 d.C., sob conselho de Plotino, para curar-se de uma depressão. Provavelmente ficou lá até além da época da morte de Plotino, em 270 d.C.

A partir dessa fase, torna-se muito difícil fazer afirmações certas sobre a sua vida, por falta de evidências. Não há, por exemplo, certeza de que tenha sido mestre de Jâmblico, mas pode-se dizer que este tenha sido influenciado de algum modo pelos escritos de Porfírio. Já na velhice, casa-se com uma mulher mais velha, para quem escreve as *Cartas a Marcella*. O ano de sua morte é aceito como sendo 305 d.C.

Porfírio, ao que nos parece, escreveu sobre tudo, já que há cerca de sessenta obras atribuídas a ele. Além de *Cartas a Marcella*, citada acima, e das *Vidas* de Pitágoras e Plotino, podemos mencionar como outras obras de importância: *Da Abstinência da Carne*, *Sententiae*, *Na Gruta das Ninfas*, e comentários aos *Harmônicos* de Ptolomeu e às *Categorias* de Aristóteles. *Isagoge*, seu texto de introdução à lógica Aristotélica, foi, por meio da tradução de Boécio, de central importância na Idade Média, sendo base dos debates sobre os status de universais²⁴. Porfírio foi também o primeiro Platônico a comentar os *Oráculos Caldaicos*, texto tido como sagrado aos Neoplatônicos. De *Contra os Cristãos*, um

²³ Saffrey, H. D. Pourquoi Porphyre a-t-il édité Plotin? In: Porphyre. *La Vie de Plotin* (tomo 2). Paris: J. Vrin, 1992, p. 33.

²⁴ J. C. Bigelow. Universais. In: Edward Craig (Org.). *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Londres: Routledge, 1998. “Em metafísica, o termo ‘universais’ aplica-se a dois tipos de coisas: propriedades (como a vermelhidão ou a redondez), e relações (como as relações de parentesco, ou relações espaciais e temporais). Os universais devem ser entendidos em contraste com os particulares. Poucos universais, ou nenhuns, são verdadeiramente “universais” no sentido de serem partilhados por todos os indivíduos — um universal é caracteristicamente algo que alguns indivíduos podem ter em comum, e outros não”.

de seus textos mais famosos, sobraram apenas fragmentos. A existência desse texto ajuda a corroborar o fato de Porfírio ter tido várias de suas obras queimadas por cristãos, o que atesta a sua posição declarada contra estes. Plotino, nunca tendo assumido essa mesma posição tão radical, dizia-se apenas contra o gnosticismo. Em *Contra os Cristãos*, Porfírio expõe a “natureza alienígena”²⁵ da religião cristã, fazendo críticas à crença muito mais forte na fé do que em demonstrações racionais, e também às falsas interpretações das Escrituras judaicas²⁶.

Nosso interesse volta-se, entretanto, à produção biográfica de Porfírio: a *Vida de Pitágoras* e a *Vida de Plotino*. Sabe-se que muito provavelmente a *Vida de Pitágoras* de Porfírio chegou até Jâmblico, embora não se saiba exatamente qual a relação entre eles, de modo que Jâmblico tenha composto também a sua *Vida de Pitágoras*, embora com pretensões diferenciadas e dando enfoque maior ao modo de vida seguido pelo seu biografado, mais do que em sua caracterização.

As possíveis intenções, repercussões e influências causadas por essas obras biográficas de Porfírio é o que discutiremos na seqüência.

²⁵ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, p. 139.

²⁶ *Ibid.*, p. 140.

2.3 A biografia na obra de Porfírio

Duas são as obras legadas por Porfírio que poderíamos considerar como biográficas. A *Vida de Pitágoras* e a *Vida de Plotino*. Considera-se o foco principal deste trabalho a análise dos aspectos gerais de uma e outra obra para encaixá-las ou não sob o mesmo gênero, considerando suas principais afinidades temáticas e formais.

Certamente Porfírio tinha conhecimento de obras biográficas e hagiográficas anteriores à escrita de suas *Vidas*. Embora não saibamos a que tipo de texto o autor teve acesso, dada a escassez de informações mais detalhadas sobre sua vida, observamos em suas obras diversas convenções de gênero que apontam um domínio formal bastante competente. É o que vemos acontecer principalmente na construção da *Vida de Pitágoras*, que discutiremos adiante.

De todo modo, é certo que ambas as obras têm posição de destaque dentro do conjunto de textos conhecidos de Porfírio. Enquanto a *Vida de Pitágoras* parece, ao que sabemos, chefiar todo um conjunto de textos que compõem uma *História Filosófica*, ao mesmo tempo em que assume um papel de defesa do Neoplatonismo frente ao cristianismo, a *Vida de Plotino*, por outro lado, foi concebida como prefácio às *Enéadas*, sendo praticamente a única fonte de informações a respeito da vida do próprio Porfírio, e importante fonte que trata da vida e dos costumes de seu mestre, Plotino.

A biografia, portanto, retomada aqui como campo de discussões filosóficas e religiosas, acaba recuperando convenções do gênero, reutilizadas de forma a adaptar-se a todo esse novo contexto de importantes debates. Como vimos anteriormente a respeito do século III a.C., a literatura não encontrava um campo propício para um grande desenvolvimento, nem grande relevância frente ao seu público que enfrentava a crise política instalada no Império Romano. A biografia, no entanto, sendo veículo de discussões relevantes ao mesmo tempo em que serve como, ao que parece, fonte de entretenimento ao seu público, acaba sendo a forma escolhida por Porfírio para a construção de seu Pitágoras-biográfico e da recuperação e transmissão do pensamento de Plotino.

Em particular, não sabemos como Platão era apresentado em relação a Pitágoras dentro da obra de Porfírio: sucessor, rival, superior, ou mais um no **coro**

dos filósofos²⁷. Mas apesar dessa incerteza quanto à escolha do personagem biografado por parte de Porfírio, Clark (2000) nos aponta indícios interessantes:

Pitágoras não era somente exótico, ele era o rival pagão óbvio ao cristianismo. Ele era o filho de um deus, creditado com milagres e com discernimento sobrenatural, e um professor divino que reinterpretou a sabedoria tradicional aos seus discípulos. Os pitagóricos tinham um compromisso com o Mestre e seus ensinamentos, vínculos reconhecidos de amizade em todo o mundo conhecido, e seguiam uma regra distinta de vida, às vezes (segundo a tradição) em comunidades. Tudo isso ofereceu paralelos às igrejas Cristãs e à ascese e monasticismo cristãos. Pitágoras poderia reivindicar uma maior antiguidade que Jesus, e seus ensinamentos eram tidos como profundos e universais, incorporando a sabedoria de muito mais tradições que o Judaísmo. Se Porfírio foi consistentemente e principalmente um inimigo do cristianismo, como os cristãos a partir de Eusébio acreditavam que fosse, ele teria tido boas razões para promover Pitágoras.²⁸

A partir dessa visão, podemos entender que seja coerente o trabalho de construção de uma obra biográfica baseada em um personagem extremamente cativante como é Pitágoras, já que, sendo colocado como um concorrente direto à imagem de Jesus Cristo, assume a função de erguer sobre os ombros a defesa neoplatônica no debate religioso da época.

No entanto, como também nos lembra Clark (2000), a obra como nos sobrou hoje não sugere um envolvimento especial do autor com relação a Pitágoras, sua obra, vida, ou ensinamentos. Principalmente, não nos sugere uma posição de rivalidade com relação a Cristo ou a Platão²⁹. E é por esses motivos que ainda nos é tão difícil situar as verdadeiras opções feitas por Porfírio para essa escrita e depreendermos se houve ou não algum tipo de engajamento filosófico ou religioso.

Mas de acordo com o que vimos no primeiro capítulo, é de se esperar que ao menos algum tipo de promoção do Pitágoras-personagem seja pretendida por meio do texto, afinal, a defesa da doutrina e do modo de vida do filósofo são explícitos, como pudemos observar em alguns exemplos e ainda veremos no capítulo dedicado apenas a essa obra.

O caso da *Vida de Plotino* parece, a princípio, ainda um pouco mais nublado. O uso da forma biográfica é notadamente diverso do que constatamos na *Vida de Pitágoras*, assim como do resto do *corpus* biográfico a que recorreremos para as

²⁷ Clark, G. *Philosophic Lives and Philosophic Life*. In: Häag & Rousseau (Ed.). *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 32.

²⁸ *Idem*.

²⁹ *Ibid.*, p. 33.

análises. Mesmo assim há a defesa do biografado por alguns estratégias textuais que nos preocuparemos em identificar no próximo capítulo. Ao que tudo indica, mesmo a grande diferença formal entre os textos ainda sugere, na *Vida de Plotino*, a construção de um homem santo. Outra diferença fundamental é a de que esse texto é também carregado de diversas informações autobiográficas inseridas por Porfírio, coisa que não acontece na *Vida de Pitágoras*, assunto para tratarmos mais adiante.

As diferenças, enfim, entre as duas biografias e os tratos que nelas é dado a cada um dos biografados é o que veremos nas partes do capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

Vidas

*The One remains, the many change and pass;
 Heaven's light forever shines, Earth's shadows fly;
 Life, like a dome of many-coloured glass,
 Stains the white radiance of Eternity,
 Until Death tramples it to fragments. - Die,
 If thou wouldst be with that which thou dost seek!
 Follow where all is fled! - Rome's azure sky,
 Flowers, ruins, statues, music, words, are weak
 The glory they transfuse with fitting truth to speak.³⁰*

P. B. Shelley

³⁰ O Um fica, os muitos vão-se; a Luz é permanente / No Céu, na Terra as sombras passam brevemente; / A Vida, como um domo em vidro multicolor, / Mancha da Eternidade o branco resplendor, / Até que a Morte o pise e quebre. – É perecer, / Se como aquele que procuras queres ser! / Segue-os todos! De Roma o céu azul nitente, / Flores, ruínas, estátuas, música e falar / São fracos para a vera glória deles proclamar. (trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos)

3.1 Vida de Plotino

Passamos, finalmente, à primeira *Vida* que nos é de maior importância. As “*anotações sobre a vida de Plotino e organização de seus escritos*”, como seria o verdadeiro nome do texto, prefacia às *Enéadas*, que congregam a totalidade dos textos plotinianos na forma de uma grande obra dividida em nove tratados, e que foram publicadas por Porfírio no ano de 301, cerca de trinta anos após a morte de Plotino.

A função de prefácio também é utilizada algo semelhantemente por Jâmblico no seu texto *Sobre o modo de vida pitagórico*³¹, que prefaciaria uma coleção mais extensa a respeito de Pitágoras, e que seria de certo modo uma extensão da *Vida de Pitágoras* porfiriana. As influências do texto de Porfírio sobre Jâmblico, entretanto, não são claramente explicáveis, dada a escassez de informações.

Ainda aproximando as *Vidas* de Plotino e a de Pitágoras por Jâmblico, vemos que os dois textos-prefácio nos trazem uma primeira informação relevante para a forma biográfica: os dois biografados a quem os autores estão nos introduzindo na forma do prefácio são apresentados como próximos a esferas divinas. O Pitágoras de Jâmblico sendo, então, uma “alma próxima aos deuses”³²; e o Plotino de Porfírio sendo “não apenas um *daimon* menor, mas uma divindade”³³. Como visto nos capítulos anteriores, esse tipo de elevação moral do biografado é muito recorrente, e ainda veremos mais exemplos no decorrer da análise.

Certamente as formas de prefácio não são apenas adereços estilísticos anexadas às obras maiores. Plotino, apesar de ter deixado diversos escritos, não se dava ao trabalho de organizá-los e fazer deles uma exposição clara e sistemática de questões filosóficas. Seus textos eram simplesmente investigações complicadas e pouco compreensíveis em torno de pensamentos filosóficos. Pitágoras, por sua vez, não deixou registros escritos de qualquer natureza. Seus discípulos também não nos legaram qualquer texto. A única obra dos primeiros pitagóricos de que se tem notícia é chamada *Sobre a Natureza*, de Filolau, possível contemporâneo de Sócrates³⁴. Por essas dificuldades, portanto, os prefácios teriam a função de fazer uma

³¹ Clark, G. *Philosophic Lives and Philosophic Life*. In: Häag & Rousseau (Ed.). *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 34.

³² *Idem*.

³³ *Idem*.

³⁴ Porfírio. *Vida de Pitágoras. Argonáuticas Órficas. Himnos Órficos*. Introdução, tradução e notas por M. Periago. Madrid: Editorial Gredos, 1987, p. 14.

introdução a uma seqüência de textos e encorajar o leitor a estudá-los³⁵. Assim, seria de suma importância para os autores dessas biografias filosóficas a relação do filósofo retratado com os discípulos, de modo que estes vivessem de acordo com o que é proposto pela doutrina.

Partimos, enfim, ao texto, que se inicia com uma afirmação do narrador a respeito de uma característica básica da figura de Plotino: ele parecia estar envergonhado de viver em um corpo³⁶. A questão do corpo e da própria imagem são preocupações importantes na filosofia plotiniana, que serão descritas por Porfírio nesta *Vida*. E por serem o corpo e a imagem encarados quase como fardos, Porfírio justifica que Plotino, justamente por isso, não informava a respeito de sua raça, família ou terra natal³⁷, já que isso, ao que parece, apenas reforça a sua materialidade na Terra. Assim, evitava que fossem também feitos banquetes e sacrifícios em seu aniversário, já que não informou tampouco seu dia de nascimento, ou mesmo o mês³⁸. Entretanto, diz Porfírio que o filósofo sacrificava a Platão e Sócrates nas datas tradicionais. Coerentemente com esse pensamento, a vida seria para Plotino uma doença, e para a qual a morte seria a cura. A descrição de um caráter forte permeia essas observações de Porfírio. É importante que seu leitor enxergue no biografado uma figura moralmente mais elevada do que o corriqueiro humano a que o público estaria acostumado.

Também é fundamental analisarmos o modo como Porfírio inicia seu texto, se tivermos em vista a forma biográfica como nos foi apresentada em outras *βίαι*. Por ter encontrado Plotino já em idade avançada, e com ele ter passado apenas seis anos, nos quais não obtinha maiores informações biográficas que não as que presenciava, Porfírio parece relatar muito do que descobriu ou do que sabe por conta, de modo que não haja, por exemplo, uma metodologia historiográfica de reunião de informações. A abertura desta *Vida*, portanto, não nos traz a genealogia de Plotino, nem a básica descrição da infância dele como criança-prodígio, recurso largamente utilizado em *Vidas* dos mais variados personagens³⁹. O início aqui já nos

³⁵ *Ibid.*, p. 35.

³⁶ Porfírio, *Vida de Plotino*, I.

³⁷ *Idem.*

³⁸ *Ibid.*, II.

³⁹ Na verdade há uma única anedota referente a Plotino em idade de oito anos, na terceira seção, que diz o seguinte: “Ele costumava correr até sua aia, mesmo quando estava indo para a escola de gramática, até o oitavo ano de idade, descobrindo seus seios e desejando sugá-los. Mas quando soube se tratar de uma criança irritante, envergonhou-se e parou”. Depois disso, a narrativa avança para os vinte e oito anos de idade.

leva aos momentos finais da vida do filósofo, com sua doença⁴⁰ e as descrições de seu caráter que, aí sim, são condizentes com o que esperaríamos. Outra característica importante é a de que Porfírio se apresenta nominalmente em primeira pessoa, na quarta seção do texto, referindo de onde veio e o modo como travou conhecimento com Plotino. Outros autores também já fizeram questão de se colocar em primeira pessoa dentro da obra, como vimos acontecer na *Ciropedia* e no *Evágoras*, quando tratávamos sobre os propósitos educacionais apresentados por eles, e direcionando suas obras a um público ou alguém em específico – lembremos de Nicocles, filho de Evágoras, por exemplo. A diferença se dá, na *Vida de Plotino*, por todo o contexto autobiográfico do próprio autor, coisa que não vimos em nenhum outro texto em tamanha carga de informações.

Agora, no décimo ano do reinado de Galieno, eu, Porfírio, vindo da Grécia com Antônio de Rodes, encontrei Amélio no décimo oitavo ano de sua associação com Plotino, embora ele ainda não tivesse se aventurado a escrever nada senão suas notas, que não vieram ainda a serem cem no total. No décimo ano de Galieno, Plotino tinha cerca de cinqüenta e nove anos de idade, e eu, Porfírio, me associei a ele com trinta anos de idade. Desde o primeiro ano de Galieno, entretanto, Plotino foi instado a pôr em texto as especulações que surgiram, e pelo décimo ano do reinado de Galieno, quando eu o conheci, descobri que ele tinha escrito vinte e um livros, que também recebi, apesar de terem sido distribuídos apenas para poucas pessoas. (Porfírio, *Vida de Plotino*, IV)

A *Vida de Pitágoras*, como veremos ainda neste capítulo, é construída por uma argumentação completamente diferente da que vemos aqui, já que Porfírio reúne fontes das mais diversas possíveis e as utiliza para ilustrar a trajetória de seu biografado, distanciando-se muito mais da matéria narrada e buscando maior impessoalidade com relação ao texto.

Os escritos mencionados no trecho acima vêm a fazer parte das *Enéadas* no futuro, e Porfírio, já na mesma seção do texto, as organiza de acordo com os nomes de cada livro. Diz ele que Plotino iniciou esses escritos quando ele, Porfírio, chegou ao mestre pela primeira vez, quando este estava com 59 anos⁴¹.

Devemos observar que até a décima seção do texto, a construção da biografia é feita praticamente apenas com dados e informações de escritos de Plotino, que acabaram sendo organizados por Porfírio nas *Enéadas*. Pouco se vê, até aqui, do uso de anedotas, tão importante para a forma biográfica, e que

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ Porfírio, *Vida de Plotino*, IV.

passaremos a observar mais freqüentemente. Um bom exemplo para discutirmos é o seguinte:

Quando Amélio se afeioou a sacrifícios e viajou pelos templos nas luas-novas e dias de festa, perguntou certa vez se poderia levar Plotino com ele. E este respondeu, “São eles que devem vir a mim, não eu a eles”. (Porfírio, *Vida de Plotino*, X)

Esse tipo de anedota, que denota o forte caráter do biografado, é recorrente. Esta citada acima, em especial, já insere o elemento divino, mesmo que na forma de uma situação irônica, sobre a figura de Plotino. Lembremos que é sempre muito importante que o autor da biografia aproxime seu personagem o máximo possível de uma esfera divina, seja pelos seus próprios feitos, seja por ser um protegido das divindades.

Em termos de retórica, outro elemento que aparece na *Vida de Plotino* pode nos ser de importância. Plotino mantinha uma amizade muito próxima ao Imperador Galieno, fato que é atestado por Porfírio na décima segunda seção, por exemplo:

Plotino recebeu as mais calorosas honras e venerações do Imperador Galieno e sua esposa Salonina. Fazendo pleno uso de sua amizade, pediu-lhes para restaurar uma certa cidade de filósofos que se dizia ter existido na região da Campânia, mas que posteriormente foi arruinada. Ele também pediu por uma concessão dos terrenos vizinhos à cidade quando ela foi fundada, para que aqueles que fossem ali se instalar vivessem sob as leis de Platão, e que o nome de Platonópolis fosse adotado; ele comprometeu-se a decampar para lá com seus amigos. E o desejo do filósofo teria sido facilmente aceito, não tivessem ficado em seu caminho pessoas próximas ao tribunal, quer por ciúmes ou ressentimento, quer por qualquer outro motivo vicioso. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XII)

A figura de Plotino ganha força quando associada a outra, da magnitude do próprio Imperador. Porfírio faz questão de nos apresentar seu biografado como alguém que é capaz de relações não só com seus seguidores e cidadãos de sua cidade, mas também com líderes. A capacidade de comoção de velhos anciãos na cidade de Crotona é algo que veremos acontecer na *Vida de Pitágoras*. Podemos ver também como Porfírio justifica a não realização da proposta de Plotino ao Imperador, atribuindo o insucesso do acontecimento de Platonópolis à decisão do tribunal, por motivos “de inveja ou ressentimento”.

Porfírio descreve também o trato que Plotino dá ao assunto filosófico e ao modo como conduz sua doutrina. A importância de um filósofo que esteja sendo

tratado nas medidas do homem santo se dá também pelo fato de ele ter um bom conhecimento das demais doutrinas que não a sua. Geralmente a defesa de sua doutrina se dará por considerações, ou mesmo ataques, a doutrinas diferentes, ou que ele mesmo julgue inferiores à sua. O texto *Demônax*, de Luciano, cuja construção é amplamente baseada em anedotas, nos mostra tal domínio doutrinário pelo filósofo, por exemplo, das seguintes formas:

A Agátocles, o peripatético, que se vangloriava de ser o único e o primeiro dos dialéticos, disse: “Olhe, Agátocles: se és o primeiro não és o único, e se és o único, não és o primeiro”. (Luciano, *Vida de Demônax*, XXIX)

E também em:

Também sua réplica a Hermino, o aristotélico, é digna de se lembrada. Sabendo que era um homem extremamente malvado, que havia causado infinitos danos a Aristóteles e que tinha sempre nos lábios suas ‘dez sentenças’, Demônax lhe disse: “Hermino, tu sim que mereces de verdade dez sentenças”. (Luciano, *Vida de Demônax*, LVII)

Assim, preocupação semelhante vemos na *Vida de Plotino*, quando Porfírio descreve características da escrita e do pensamento de Plotino enquanto reuniões de pensamentos estoícos e peripatéticos, que o filósofo reuniria dentro de sua doutrina:

Sua escrita é concisa, seu pensamento compacto, sua brevidade, mais rica em sentido que em palavras; muitas vezes entra em êxtase e fala emocionalmente, das profundezas do sentimento em vez da tradição. Em seus escritos, no entanto, há uma mistura discreta tanto da doutrina estoíca quanto da peripatética, que são embaladas densamente com o conteúdo das *Metafísicas* de Aristóteles, acima de tudo. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XIV)

Além disso, observamos que o biografado possui conhecimento também das doutrinas de seus contemporâneos:

Assim que a obra intitulada *Princípios Básicos e Volta aos Básicos*, de Longino, foi lida para ele, disse: “Longino é um filologista, e de modo algum um filósofo”. E quando Orígenes caiu em um seminário, ele corou profundamente e quis sair. Quando, porém, Orígenes o implorou que falasse, ele disse que morre o ardor de um orador vendo que o que está prestes a dizer será endereçado àqueles que já o sabem. E assim, após uma pequena discussão, levantou-se para sair. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XIV)

Há nesta obra um elemento exclusivo dentre as trabalhadas em nosso *corpus* biográfico, que é a transliteração de cartas. Porfírio as usa para ilustrar algumas situações, principalmente da polêmica entre as escolas de Plotino e Numênio, de modo que apresentaria argumentos dentro do corpo do seu texto que proviriam direto das pessoas a quem cita. Tudo isso, é claro, assumindo o fato de ele ter realmente transliterado cartas existentes e não forjado textos fictícios para ilustrar seus pontos de vista. Esse recurso começa a aparecer a partir da décima sétima seção da biografia, e devemos assumir que seja um recurso original, tendo em vista os demais textos a que recorremos. A primeira carta, portanto, estará inserida na polêmica que se deu quando Plotino foi acusado de transmitir ensinamentos de Numênio como sendo seus próprios. A carta transliterada, chamada no texto por Porfírio como “tratado”, vai de Amélio para o próprio Porfírio, ali nomeado *Basileus*, remetendo ao “rei” que é o significado de seu próprio nome real. Sendo as cartas presentes no texto muito extensas para que sejam citadas integralmente neste trabalho, julgo que seja digno considerarmos o fato de o próprio Porfírio justificar seus usos à sua própria maneira. De fato a estratégia do uso dessas cartas pelo autor mostra o quanto seu biografado se tratava de alguém publicamente relevante.

Citei essas observações integralmente para ilustrar como Plotino foi julgado pelo crítico mais avançado de nossa época, aquele que era o mais rigoroso em suas restrições sobre quase todos os seus contemporâneos. Embora primeiramente ele tivesse mantido uma atitude depreciativa sobre Plotino por causa da ignorância dos outros. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XX)

Mas além dos exemplos vistos até aqui, de estratégias textuais de engrandecimento do filósofo biografado, veremos trechos de clara dicção encomiástica se seguirem a partir da vigésima segunda seção do texto. Devemos ter atenção ao fato de Porfírio parecer se esforçar em eximir-se do trabalho de listar as numerosas qualidades de Plotino, mas fazer isso pela boca de outrem, ou melhor ainda, pela voz de divindades. Nosso primeiro exemplo se trata de uma ocasião em que Amélio pergunta a Apolo, por meio do mesmo oráculo que engrandeceu a Sócrates⁴², para onde havia ido a alma de Plotino. Devo salientar que a descrição de tal episódio vem logo após uma pertinente observação de Porfírio sobre ser a sabedoria de um deus a maior possível. Obviamente, sendo o biografado elogiado

⁴² Na famosa afirmação de que “de todos os homens, o mais sábio é Sócrates”.

por um deus, tal elogio não é desprezível em nenhuma medida. A resposta do oráculo que se segue, enfim, toma a forma de um longo poema, ou hino, com diversas referências textuais a Homero, Hesíodo e Empédocles⁴³. Plotino, sendo então querido pelos deuses e tomando seu lugar em outro plano de existência junto a outras personalidades de notável caráter, nos prova, pelas palavras de Apolo, a sua justa e notável existência⁴⁴. Abre-se o oráculo, então, com o seguinte:

Estou me preparando para tocar um hino imortal, tecendo-o a respeito de meu amigo com meus mais doces sons abaixo da palheta dourada de minha bem afinada lira. E eu invoco as Musas para erguer um canto comum ao meu, misturando suas vozes todas em hinos triunfais e todas as suas harmonias em suas linhagens, assim como para os Eácidas elas foram chamadas para alçar a dança com delírios imortais e canções homéricas. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XXII)

Não sendo o bastante o canto do deus abrindo-se desse modo em torno da figura de Plotino, em grande homenagem, veremos que o poema é bastante longo se levarmos em consideração outros tipo de inserções textuais feitas por Porfírio na obra. Outro elemento causador de grande impressão é o posicionamento dado ao filósofo junto a outras figuras de prestígio:

Mas agora que já te livraste do tabernáculo e já deixaste a tumba de tua alma daemônica, tu já entraste na coligação daemônica que exala ventos de deleite, onde a amizade realmente é, onde há desejo de se agradar aos olhos; tu estás cheio da pura alegria e estás sendo constantemente completado com filões imortais provindos dos deuses, a origem das tentações do amor, do doce respirar e do ar tranqüilo. Lá habitam Minos e Radamanto, irmãos da grande raça dourada de Zeus, e também o justo Eaco, Platão, divinos e poderosos homens, o glorioso Pitágoras⁴⁵, e todos aqueles que continuaram a dança do amor imortal, todos aqueles cujo lote era de compartilhar uma raça comum com os mais felizes dos daemons, onde o coração tem alegria em felicidade festiva. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XXII)

⁴³ Segundo Edwards (2000), em uma de suas notas presentes nesse trecho de sua tradução, devemos considerar que: “Já que se era amplamente considerado que os oráculos gregos eram silenciosos (Plutarco, *Sobre o Declínio dos Oráculos*), ou ao menos que a Pitonisa não dava oráculos em verso (Plutarco, *Sobre os Oráculos Píricos*), Porfírio pode não ter dado a entender que este oráculo, como os outros que ele cita, foram emanados de Delfos. Fontes possíveis, se isso não for uma informação forjada por alunos bem intencionados, seriam as locações asiáticas de Didyma e Claros”.

⁴⁴ Também Edwards (2000) observa: “Aqueles que consideram o oráculo como ‘genuíno’ devem achar que Apolo foi seu autor, ou que Plotino era mais celebrado do que jamais outro filósofo teve o direito de sê-lo”.

⁴⁵ Não é de se estranhar que Pitágoras esteja aqui, e junto ainda de Platão.

E fecha-se o canto de uma maneira honrosa, finalmente citando nominalmente a Plotino:

Musas, coloquemos então um fim ao nosso canto e à dança circular em favor de Plotino em seu júbilo. Tudo isso, por mim, tem a minha lira dourada para dizer de sua boa fortuna. (Porfírio, Vida de Plotino, XXII)

Certamente a importância dada a Plotino por Porfírio não é pequena, como foi comprovado por todos os exemplos dados até aqui e especialmente neste último. É claro em nossa análise que esta é sim uma estratégia usada por todos os biógrafos de nosso *corpus*, de modo que engrandecem e estejam aptos a cativarem seus leitores para que estes tomem os ensinamentos, ou, se pensarmos novamente no contexto de Porfírio, adotem a doutrina. Ainda na seção que se segue, o autor ainda tem a preocupação de tornar algo impessoal os elogios que são feitos à figura do filósofo, de forma a colocá-los na boca de terceiros. Assim pode-se imaginar que seja retoricamente mais importante que os argumentos fossem ligados ao que “se dizia” na época de Plotino, já que não é apenas o autor que está falando, e sim outras vozes a que ele está recorrendo para construir o seu relato. A pureza da alma e a procura interior pelo divino voltam a aparecer como características fundamentais da figura de Plotino. Nesse sentido, a figura do homem santo volta a ser relevante, já que Porfírio, tendo convivido com Plotino, procura a todo o momento exteriorizar os elementos do filósofo que condizem à sua própria visão da figura ideal do mestre.

O enfrentamento sábio da morte, outra característica que condiz com o que se esperaria de um biografado⁴⁶, também aparece aqui. O fim da vigésima terceira seção conta com algumas considerações de Porfírio a respeito da morte de Plotino, que finalmente se “despe do corpo físico” e parte para o plano imaterial, ou *daimônico*⁴⁷. De acordo com o modo de pensar plotiniano, o Um, conceito primordial de que se originariam todas as coisas, é para onde retorna a alma. Esta, com efeito, não pode ser presa à matéria, que é o mal primordial, e, assim, incorre no erro aquele que ama mais ao corpo que à sua própria alma e ao intelecto. Fiel à sua

⁴⁶ O tema da morte, como vimos no primeiro capítulo, pode estar ligado à coragem ou à sabedoria, dependendo do tipo de biografia que estamos tratando – se de soberano político ou de filósofo. É de se esperar, no entanto, que deva se manifestar alguma ligação do biografado com a esfera divina no momento derradeiro – ou após, como visto no oráculo de Apolo.

⁴⁷ Cox (1983) trabalha de maneira incisiva com a noção de invocação de faces *daemônicas* e invocações dos “familiares interiores” de Plotino no método biográfico de Porfírio. Confesso que necessitaríamos de um espaço maior de discussão para o desenvolvimento de uma interpretação biográfica sob essa visão, discussão tal que este trabalho não teria condições de comportar.

filosofia, portanto, como demonstra Porfírio, Plotino morre em plena consciência de que se deve procurar sempre a purificação da alma e o desapego das paixões, de modo que as turbulências do corpo não mais nos sejam aflitivas⁴⁸. Sob esses aspectos, Porfírio nos descreve um Plotino completamente preparado intelectual e sensitivamente para o encontro da morte. Não só guiado pelos próprios deuses, Plotino parte como ele próprio um deus.

Das seções 24 a 26, Porfírio apresenta o que seria o plano de organização das *Enéadas*, junto com sua própria justificativa para tal trabalho. A ordenação é feita, diz ele, não mais pela cronologia, como foi apresentado antes, mas por assunto. Argumenta ainda que, por ter descoberto a perfeição do número seis, juntamente com os nove, dividiu os cinquenta e quatro tratados de Plotino em seis *Enéadas*. Deve-se notar, no entanto, que tal número foi deliberadamente forjado por Porfírio: alguns tratados foram divididos em dois, três ou quatro novos tratados e o nono tratado da terceira *Enéada* é uma coletânea de pequenos textos.

Assim, fecha-se a *Vida de Plotino* com algumas considerações a respeito da metodologia de trabalho e com os motivos que levaram Porfírio a tal empreitada. Cox (1983) pondera sobre o uso da forma biográfica no fechamento de seu capítulo que trata da *Vida de Plotino*, refletindo a respeito da congregação feita por Porfírio em sua obra, onde a fronteira entre realidade e ficção torna-se algo mais anuviada, e o autor nos coloca entre, de um lado, “os fatos da vida de Plotino e sua história”, e de outro, “o modelo de santidade que Porfírio adotou, sua fantasia”⁴⁹. Ainda diz ela que essa fronteira é o “coração da biografia”. Se levarmos em conta a idéia de que tratamos desde o primeiro capítulo que passa pela mitificação de fatos históricos referentes ao personagem biografado, não temos por que discordar.

⁴⁸ Para uma discussão mais detalhada a respeito da filosofia Neoplatônica, tanto pelo viés plotiniano quanto porfiriano, ver a introdução em Edwards (2000).

⁴⁹ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, p. 133.

3.2 Vida de Pitágoras

Três são as biografias de Pitágoras que chegaram até nós: a de Diógenes Laércio, oitavo livro de uma obra conhecida como *Vidas dos filósofos mais ilustres*; a de Porfírio, que até onde sabemos é parte dos primeiros quatro livros de uma *História Filosófica*; e a de Jâmblico, que faria parte de um corpo de estudos sobre a doutrina e a ciência pitagóricas, de onde sobraram apenas as quatro primeiras obras das dez que a constituíam.

Pitágoras, não tendo deixado nenhum registro escrito, nem mesmo através de seus discípulos, torna-se material de discussão desses autores por meio de citação de fontes em um processo historiográfico. Jâmblico, possível discípulo de Porfírio, certamente teve acesso à *Vida* escrita por ele. No entanto, por motivos desconhecidos, teve a necessidade de aumentar o texto, passando a diferir do anterior em determinados pontos de vista. Mas é certo que ambas as *Vidas* se referem em seus textos às suas fontes. Nicômaco de Gerasa, por exemplo, aparece como fonte para ambas as obras. Em um processo de colagem de diversas informações reunidas em um único texto, a concepção das obras biográficas aqui consideradas se dá por uma junção de passagens de diversos autores que trataram da vida de Pitágoras. E mesmo que não haja unanimidade a respeito de determinada informação biográfica, o autor terá a preocupação de não só nos informar a respeito dessa incerteza, mas também referir no corpo do seu próprio texto as diferentes interpretações ou referências para determinadas passagens da vida do filósofo. Veremos exemplos desse procedimento em trechos citados.

Como estamos tratando do uso da forma biográfica para construção retórica de um determinado personagem, evitaremos fazer maiores digressões a respeito da filosofia e transmissão de determinadas doutrinas filosóficas ao longo das obras de nossos autores. Entraremos em detalhes dessa natureza apenas enquanto for interessante para o debate a respeito do uso da forma. Outra consideração que devemos fazer antes de adentrar definitivamente por essa segunda obra de Porfírio é a de que informações biográficas “reais” a respeito do personagem não devem ser procuradas nestes textos. Creio que tal consideração valha para as demais βίοι estudadas, mas em especial esta, já que Porfírio nos informa suas fontes. Seria, portanto, adequado levarmos em conta como factuais as informações que fossem referidas ao menos por demais autores, e que fossem anteriores ao tempo do

próprio Porfírio. Além disso, é evidente a preocupação de caráter literário tida pelo autor para elaboração do texto. Como vimos no capítulo segundo, o texto biográfico, além de ser o principal veículo de transmissão da reflexão filosófica e religiosa do período, ainda era uma fonte de entretenimento para o público de sua época.

Tendo isso em mente, passamos a considerar especificamente a *Vida de Pitágoras* de Porfírio. Pitágoras, então “eleito” pelo neoplatonismo para assumir a posição de sábio dentro dessa tradição, será (re)construído como personagem antagonista ao cristianismo e à imagem de Jesus Cristo, sendo ele também filho de um deus⁵⁰. As biografias de Porfírio responderiam às necessidades do paganismo de sua época, e Pitágoras seria o grande profeta dos neoplatônicos, enquanto Plotino seria mais um fundador⁵¹. Pois a esses textos seriam admitidos, então, dois caminhos tidos como possíveis motivações para suas existências: a herança filosófica da doutrina neoplatônica; a resposta ao cristianismo, afirmando o fato de a doutrina pagã não lhe ser em nada inferior⁵².

Iniciamos a nossa análise da *Vida de Pitágoras* já considerando a preocupação de registro de fontes que Porfírio nos declara já no início do seu texto:

Há concordância entre a maioria sobre aquele que figura como filho de Mnesarco; sobre a origem deste há desacordo. Pois uns dizem ele ser Sâmio, mas Neantes, no quinto livro dos *Relatos Míticos*, diz ele ser Sírio, precedente de Tiro, na Síria. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, I)

Em um tom bastante impessoal, e que se distancia bastante do envolvimento com a matéria narrada que vimos, por exemplo, na *Vida de Plotino*, Porfírio nos mostra seu procedimento de referenciação de fontes antes de qualquer outra coisa. O embasamento da vida a ser contada em fontes de autores anteriores é um procedimento constante na obra, talvez como uma tentativa de Porfírio de justificar a veracidade dos acontecimentos narrados por meio da confrontação de dados apresentados ao leitor. Aliás, não só Porfírio cita o autor de onde retira a informação, mas também, sempre que possível, cita a obra utilizada. Um exemplo disso é o dos *Relatos Míticos* de Neantes, no trecho citado acima, ou o de Lico, que

⁵⁰ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, p. 143.

⁵¹ *Idem*.

⁵² *Idem*.

“no quarto livro das *Histórias*, também recorda acerca de sua pátria as diferenças entre alguns, (...)”⁵³, além de tantos outros.

Diferente da carga de informações que Porfírio nos traz na *Vida de Plotino*, onde grande parte faz parte da experiência do próprio autor e apresentada ao leitor no modo de relatos também autobiográficos, a exposição de informações biográficas de Pitágoras é baseada, como começamos a ver, em relatos de autores anteriores. Assim, também as anedotas, as informações da linhagem de Pitágoras, assim como o que é dito a respeito de sua infância e juventude, serão todas retiradas destas referências.

Mas apesar de termos na *Vida de Pitágoras* uma exposição um pouco maior do que na *Vida de Plotino* a respeito da infância e da educação do biografado, ainda assim não se tratará de uma exposição demasiada extensa ao redor desses temas como a que se encontrará, por exemplo, em um texto como a *Ciropedia*. Ainda que o tema da educação de Pitágoras seja forte no texto de Porfírio, pouco se fala sobre seu tempo de infância. Dois exemplos nos bastam:

Uma vez que Pitágoras era dotado desde a infância para qualquer tipo de aprendizado, Mnesarco o levou a Tiro e lá, junto dos Caldeus, os freqüentou e estimou em alto grau participar desse contato. Tendo retornado de lá para a Jônia, Pitágoras primeiramente freqüentou Ferecides de Siro como discípulo; depois, com Hermodamante, descendente de Creófilo, que já estava em idade avançada. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, I)

E também em:

Registra que Pitágoras, quando era jovem, acompanhou Mnesarco em uma viagem marítima para a Itália, e em vista de ser uma terra afortunada, chegou a retornar. Menciona também haver dele dois irmãos, Eunosto e Tirreno, mais velhos. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, II)

Como já sabemos, é importante que o biografado demonstre aptidões excepcionais para o exercício da filosofia e da boa educação, no caso das vidas de filósofos. Pitágoras é retratado como um jovem capaz de absorver conhecimentos muito facilmente de diversos mestres, e isso se intensificará conforme o texto se desenvolve, já que Pitágoras travará conhecimento não só com gregos, mas também com conhecimentos avançados de outros povos, entre esses os Egípcios, os Caldeus e os Fenícios. Por sinal, seus conhecimentos matemáticos, como conta

⁵³ Porfírio, *Vida de Pitágoras*, V.

Porfírio, serão devidos principalmente ao contato com esses povos. Lembremos que, mesmo aqui, o autor faz questão de salientar que suas afirmações a esse respeito provêm do que é dito por outrem:

Também ainda sobre a sua educação, a maioria diz que (Pitágoras) aprendeu seus conhecimentos das ciências matemáticas dos Egípcios, Caldeus e Fenícios; pois a geometria, desde tempos antigos, foi ocupação dos Egípcios, assim como foram para os Fenícios a aritmética e o cálculo, e para os Caldeus o exame do céu. A respeito do culto aos deuses e ao que resta das práticas ligadas à vida, dizem ter sido discípulo dos magos e tomados seus ensinamentos. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, VI)

A questão da linhagem de Pitágoras também é de importância para Porfírio e trazida à tona também nas primeiras seções do texto. Já citamos textualmente a passagem em nosso primeiro capítulo, mas não custa recordar que Pitágoras é tido entre alguns, como teria dito Apolônio, como filho de Apolo e Pitaide, o que o concederia a divindade por parte de pai. Pitaide, também devemos recordar, seria descendente de Anceu, o fundador de Samos, o que representaria para nós ainda uma linhagem real⁵⁴. Mnesarco seria, portanto, apenas o “pai de nome” de Pitágoras.

Sendo Pitágoras um filósofo de extrema importância por concentrar em si tamanhos conhecimentos provindos de culturas diferentes, grande parte das seções iniciais da biografia ainda trata de suas experiências dicentes nessas demais culturas. Tendo em vista que Porfírio já utiliza a brilhante educação do biografado como recurso ilustrador de um filósofo que vai além das capacidades mundanas, é de se esperar que a apreensão dos conhecimentos estrangeiros seja igualmente brilhante, de modo que cause impressões mesmo nesses povos. Isso acontece, por exemplo, no trecho seguinte, quando da execução de tarefas estranhas à cultura grega, imposta como consequência do seu contato com os Diopolitanos:

Mas isso executou ardentemente, sendo assim admirado de tal maneira que recebeu a autoridade para sacrificar aos deuses e freqüentar suas práticas, algo de que não se sabe ter se realizado com outro estrangeiro. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, VIII)

O reconhecimento ritualístico dado com exclusividade a Pitágoras pelos líderes de outros povos seria, assim, um recurso retórico de grande poder dentro da

⁵⁴ Pois a imagem do herói fundador, devemos ter em mente, é de prestígio na Antigüidade, e o exemplo óbvio para esse argumento é o de Enéias, fundador de Roma.

obra. Se quisermos encarar desse modo, até mesmo a operação de milagres que é característica dos homens santos já pode estar aparecendo nesse contexto. Também característica do homem santo é a fidelidade aos seus próprios preceitos. Um deles é a abstinência do consumo de carne, que aparece na sétima seção como informação dada por Eudoxo na obra intitulada *Τῆς γῆς περίοδος*, que conta que Pitágoras tinha aversão a sacrifícios e aos que os praticavam, de modo que se mantinha afastado não só dos seres animados, mas também dos “carniceiros e caçadores”. O vegetarianismo, no entanto, não foi sempre a regra da conduta alimentar de Pitágoras⁵⁵, como podemos ver na seguinte anedota, que demonstra o filósofo aconselhando um atleta:

Permaneceu algum tempo ali e se ocupou de Eurímenes, atleta de Samos, que com o conhecimento provindo de Pitágoras, ainda que sendo de corpo pequeno, alçou-se vencedor das Olimpíadas, superando a muitos e grandes competidores. Pois, apesar dos demais atletas, que ainda pela maneira antiga se alimentavam de queijo e de figos, este, ao modo de Pitágoras, foi o primeiro a comer carne regularmente a cada dia e obter vigor para o corpo. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XV)

De acordo com Pitágoras, o alimento seria o meio para assimilação da divindade. O elemento divino presente na figura do homem santo, aliás, é também recorrente. Como pudemos ver na ocasião da travessia do rio Cáucaso no primeiro capítulo, no mesmo trecho em que se diz que pessoas de diferentes lugares afirmavam terem recebido ensinamentos de Pitágoras ao mesmo tempo, é importante que se mostre o quanto o filósofo era capaz de causar efeitos de exaltação nos que o rodeavam. A figura carismática é de extrema importância aqui, já que se deve considerar a concorrência feita ao Jesus cristão. Não é de se estranhar, portanto, que tal carisma chegue a ponto de cativar instantaneamente a seus observadores, como vemos na seguinte situação:

Por conseguinte, tendo desembarcado na Itália e chegado em Crotona, como conta Dicearco, apareceu como homem errante e importante. E segundo a sua própria natureza, vendo a si mesmo beneficiado pela fortuna (pois era de modo nobre e gracioso e tinha numerosas qualidades pessoais, seja pela voz, pelo caráter, ou por todas as outras coisas), correu através da cidade Crotoniata de tal modo que cativou os velhos magistrados com sua bela e variada dicção, e, contrariamente, aos jovens elaborou exortações juvenis sob os caminhos dos seus ensinamentos; (...) (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XVIII)

⁵⁵ Cf. Porfírio, *Sobre a abstinência*, I, 26.

E a partir disso, toda a cidade primou pela educação de seus filhos e as escolas encheram-se de novos alunos, tal era o poder do filósofo. Lembremo-nos também da citação de *Evágoras* no primeiro capítulo, que evocava os olhares do reis ao jovem, quando temiam por seus próprios tronos ao perceberem tamanha distinção em uma única pessoa. Destes modos é que funcionam as descrições da distinção dos personagens biografados.

Voltando à questão da esfera divina em que adentra o filósofo, observamos que o artifício principal a que recorre o biógrafo para demonstrar tal característica é a anedota. Pois esta técnica de narrativa, diz Cox (1983), é o veículo maior da caracterização biográfica⁵⁶. De acordo com ela, a anedota teria a função de tornar verossimilhante um mito, corporalizando-o em um personagem histórico. Entre essa figura histórica e o estereótipo mitificado procurado pelo autor, entra o recurso da anedota que funcionará como mediação dessas duas instâncias, de modo a apresentar ao leitor o mito encarnado na figura do homem santo⁵⁷. Feito isso, observamos anedotas como a que se segue, demonstrando o poder da “ação consultora” de Pitágoras sobre seres irracionais:

E se há que se dar crédito a seus biógrafos, antigos e importantes, sua ação consultora era exercida, inclusive, entre os seres irracionais. Com efeito, capturou a urso de Daunia que importunava os nativos, segundo dizem, e durante um tempo a amansou, lhe deu de comer bolo de cevada e frutas secas e, depois de fazê-la jurar que não voltaria a atacar nenhum ser animado, deixou-a livre. E então, retirando-se para a floresta de carvalhos, não se a viu atacar nem sequer a um ser irracional. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XXIII)

O trato com seres humanos é obviamente tão competente, ou divino, quando o demonstrado na situação acima. Pitágoras seria capaz de julgar a índole das pessoas pela análise minuciosa das características de seus rostos, de modo que nenhuma pessoa de seu círculo social tivesse chegado à sua proximidade sem ter antes passado por semelhante exame.

⁵⁶ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, p. 58.

⁵⁷ *Idem*.

Outra anedota que nos oferece uma reflexão importante quando pensamos em Pitágoras como o “filho de deus” pagão é a que se passa em meio a pescadores e peixes, em uma possível alusão direta a mitos cristãos:

Em outra ocasião, reunindo-se a alguns pescadores, enquanto sua rede arrastava do fundo um grande apanhado, previu a quantidade de peixes que estavam sendo coletados, especificando o número. Os homens se comprometeram a fazer o que lhes era ordenado se sua previsão se cumprisse; Pitágoras lhes pediu, por sua vez, que deixassem vivos os peixes depois de contá-los com exatidão. E o mais surpreendente é que nenhum peixe pereceu ao permanecer fora da água durante todo o tempo que durou a contagem em sua presença. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XXV)

Na trigésima sexta seção, ou parágrafo, do texto de Porfírio há, enfim, referência à descoberta da famosa fórmula Pitagórica sobre o triângulo retângulo, ou triângulo pitagórico, onde é dito o seguinte:

Em uma ocasião sacrificou um boi, mas de mentira, como afirmam os escritores mais rigorosos, quando descobriu que o quadrado da hipotenusa do triângulo retângulo era igual à soma dos quadrados dos catetos. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, XXXVI)

Qualidades, anedotas, e elementos da doutrina pitagórica são espalhados pelo texto de modo mais extenso e mais “literário” que na *Vida de Plotino*. Longe da concisão que vimos no texto anterior, aqui Porfírio se alonga na exposição das coisas que se diziam de Pitágoras, assim como nos modos como ele próprio dissertava sobre questões cotidianas e modos de convivência. Pois mais claramente na *Vida de Pitágoras* conseguimos distinguir a divisão proposta por Cox (1983), e inaugurada por Xenofonte em *Evágoras*, na composição da biografia, em que a primeira parte trata da *praxis*, o tratamento cronológico da vida, e a segunda do *ethos*, o tratamento sistemático do caráter. O foco da biografia seria então o trabalho de interação entre essas duas instâncias⁵⁸. Podemos notar que a referenciação que Porfírio faz de suas fontes torna-se mais escasso na medida em que avança na direção da biografia enquanto *ethos*, passando a iniciar grande parte de suas anedotas como “dizia-se que”, ou “em uma ocasião”. Na *Vida de Plotino*, é grande o número de intervenções autobiográficas do autor no texto, além de haver inúmeras interpolações com listas de textos referentes às *Enéadas* e uma falta de preocupação estrita com a ordem cronológica dos fatos. Tudo isso nos causa um

⁵⁸ *Ibid.*, pp. 8-9.

pouco mais de dificuldade na distinção entre *praxis* e *ethos*, já que a mitificação da figura histórica coloca-se num plano muito mais próximo ao próprio biógrafo.

Para Porfírio, a corrente filosófica pitagórica extinguiu-se por seu caráter enigmático e por ter sido escrita no dialeto dórico, que seria “algo obscuro”⁵⁹. Também a intervenção de pitagóricos não-autênticos e a condição de opiniões apócrifas atribuídas ao filósofo contribuíram para o declínio.

A morte de Pitágoras é abordada na seção cinquenta e sete do texto, onde também Porfírio afirma não haver concordância total das fontes sobre como teria sucedido o fato, mas refere sobre o comportamento do filósofo e a reação dos discípulos da seguinte maneira:

E no território de Metaponto dizem que morreu Pitágoras; havia-se ele refugiado no santuário das Musas, onde permaneceu quarenta dias privado de alimentos. Contam outros que enquanto o fogo destruía a habitação em que se achavam reunidos, os próprios companheiros, enfrentando o fogo, ofereceram uma saída ao professor, fazendo uma espécie de ponte sobre as chamas com seus próprios corpos. Escapou Pitágoras do incêndio deste modo e, abatido pela falta de seus familiares, tirou a própria vida. Tendo-se apoderado a desgraça deste modo dos membros da seita, o conhecimento dela desapareceu, até então conservado em segredo nos corações. E só se recordou, entre as pessoas de fora, dos conceitos ininteligíveis. Porque do próprio Pitágoras não havia nenhum escrito, e os que conseguiram escapar, Lisis e Arquipo, bem como aqueles que migraram, salvaram escassos fragmentos daquela filosofia, obscuros e difíceis de captar. (Porfírio, *Vida de Pitágoras*, LVII)

A piedade e ausência do medo da morte é, como já vimos em vários exemplos, recorrente no gênero, e não é diferente aqui. Coincidentemente – ou não, o tema dos quarenta dias de jejum não nos é desconhecido. A devoção demonstrada pelos discípulos ao mestre é outro dado que corrobora a autoridade de Pitágoras como figura santa.

Podemos comparar com a descrição da morte de Demônax, no texto de Luciano:

E, mediante a abstinência de todo alimento, retirou-se da vida com ânimo alegre, como sempre havia mostrado aos demais. Pouco antes de sua morte, alguém lhe perguntou: “Do que dispõem para o seu enterro?” “Não se preocupe – disse – os arredores me enterrarão”. Aquele lhe respondeu: “Como? Não é vergonhoso que o corpo de um homem da sua qualidade fique relegado ao pasto de aves e cães?” “Não há nada de particular nele – prosseguiu – se uma vez morto serei útil a alguns seres vivos”.

⁵⁹ Porfírio, *Vida de Pitágoras*, LIII.

Mas os atenienses o enterraram com solenes honras públicas e choraram por ele por muito tempo. E veneraram o banco de pedra onde costumava sentar-se quando estava cansado, e o reverenciavam em sua honra, considerando sagrada inclusive a pedra sobre a qual sentava. Todo mundo foi ao seu enterro, e em especial os filósofos: eles carregaram seu corpo e o levaram até o túmulo. (Luciano, *Vida de Demônax*, LXVII)

Novamente vemos o uso da imagem da abstinência como inerente ao filósofo amadurecido. E novamente acompanhamos a retirada plácida da vida com “ânimos alegres”, como deve ser a um homem santo. O momento derradeiro de Demônax ainda é ilustrado por um último diálogo em discurso direto que comprova o desapego material, ou corporal, do filósofo, de modo que ele não atribui a si mesmo a necessidade de um funeral com honras. A comoção pública descrita por Luciano funciona assim como o descrito no trecho acima sobre a morte de Pitágoras. Ironicamente, no entanto, os demais filósofos atenienses, alguns deles possivelmente rivais, é que carregam o corpo de Demônax em direção ao sepulcro⁶⁰.

O texto de Porfírio é, enfim, interrompido na seção de número sessenta e um. Para que se saiba o final da história de Milias e Timica, interrompida, é preciso que se recorra a Jâmblico.

A história contada por Porfírio, embora não saibamos ao certo sua conclusão, nos apresenta possibilidades inúmeras de reflexão enquanto uso do gênero biográfico e recuperação de convenções formais. É visível a diferença de estruturação entre as *Vidas* de Plotino e Pitágoras, assunto esse que discutiremos ainda na última parte deste capítulo. A intenção deste trabalho foi de recuperar apenas algumas das principais convenções que poderíamos identificar nas vidas desses homens santos e explicitá-las, de acordo com as teorias já elaboradas a respeito da biografia na Antigüidade, principalmente com o que é proposto por Momigliano (1991). Os traços elogiosos e encomiásticos percorrem o texto de maneira permanente, ora mais visivelmente, ora menos, como pudemos comprovar em alguns dos nossos exemplos. Assim, a exposição do biografado com a intenção de formação do caráter do seu leitor, e mais ainda, de introdução de um jovem filósofo em uma determinada doutrina, depende enormemente da eficácia do autor em construir uma imagem suficientemente verossímil de uma figura real e histórica, ao mesmo tempo em que essa imagem é fundida com o mito idealizado na fantasia

⁶⁰ Se esse tipo de ironia luciânica atingisse o texto de Porfírio, talvez Pitágoras fizesse uma ponte sobre as chamas com os corpos dos próprios Cristãos.

do biógrafo, de modo que esse personagem central se destaque como exemplo a ser seguido, tanto moral como politicamente.

Seguiremos, por fim, a uma breve comparação entre a *Vida de Plotino* e a *Vida de Pitágoras*, onde levaremos em conta principalmente a adequação do gênero biográfico nos dois textos, assim como os principais pontos divergentes no modo como o texto é tratado enquanto forma biográfica.

3.3 Comparação

As biografias de Porfírio ilustram, como afirma Cox (1983), a posição intermediária do autor entre o neoplatonismo como escola filosófica e como religião⁶¹. A diferença fundamental entre as *Vidas* ficaria no campo do tratamento do enfoque que o autor daria para cada uma em termos religiosos. A *Vida de Plotino* estaria preocupada, ainda segundo ela, em enfatizar a calma filosófica e racional de Plotino, enquanto a *Vida de Pitágoras* estaria preocupada na exposição do caráter santo e na operação de milagres⁶². Basicamente, podemos pensar que já foram concebidas de maneiras diferentes pela posição que ocupam dentro das obras a que completam. A *Vida de Plotino* prefacia todo o pensamento do próprio biografado, pensamento este que foi sistematizado por Porfírio. As instruções estão nesse prefácio, não só de leitura da doutrina como também na medida em que a imagem do filósofo norteará a conduta do discípulo dessa doutrina. Plotino, aquele capaz de “ser como um deus”, é próximo a Porfírio, e este pode atestar por suas próprias palavras aquilo que vivenciou e comprovou com relação ao caráter do filósofo e suas possibilidades enquanto homem santo. Mas mesmo assim, Porfírio recorre por diversas vezes às vozes de terceiros, que confirmem as situações e qualidades que estão a serem descritas pela voz do autor, podemos imaginar que em um procedimento argumentativo retórico, de modo que as descrições de Plotino não sejam feitas unicamente através do seu ponto de vista.

Pitágoras, via Porfírio, chega até o seu leitor seguindo a esteira de uma tradição biográfica formalmente mais cristalizada. A preocupação em se manter o filósofo como capaz de operar feitos que vão acima das capacidades humanas anda em paralelo com a visão cristã do filho de Deus, e, embora não haja essa tomada de posição declarada por parte de Porfírio, Pitágoras nasce como o equivalente pagão ao Deus-filho.

Comparando-se as caracterizações dos dois filósofos feitas pelas mãos de Porfírio, vemos que as diferenças mais latentes são no plano dos modos como a divindade se apresenta encarnada em suas figuras. Isso, é claro, vai de acordo com o que é dito por Cox (1983) logo acima. Embora o uso de anedotas seja constante

⁶¹ Cox, P. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 6. APUD: Momigliano, A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press, 1971, pp. 142-143.

⁶² *Idem*.

em ambas as biografias, por ser um procedimento básico de exposição do biografado em situações ilustrativas, os feitos narrados são bem diversos entre os textos. Por isso, não há situações em que Plotino opere milagres como os de Pitágoras. No entanto, a divindade está presente em Plotino, pois ele vive de maneira santa, e é elogiado de maneira ímpar pelo oráculo de Delfos, por exemplo, em que:

É dito nessas linhas que ele era gentil e suave, e especialmente amável e encantador; que ele possuía essas características, nós sabíamos por nossa familiaridade com ele. E diz-se que ele era incansável, guardando a pureza de sua alma e sempre se apressando ao divino, que ele amava com toda a sua alma; e também que se esforçou de todas as maneiras para ser libertado, “para escapar de baixo das ondas amargas” da vida presente, “moldada pelo sangue”. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XXIII)

É de suma importância que o filósofo biografado viva piamente e de acordo com seus próprios preceitos, pois a defesa da doutrina é preocupação central dentro do texto. Os casos da *Vida de Pitágoras* que foram citados em exemplos anteriores em que se faziam referências à alimentação controlada do filósofo, dentro de parâmetros estabelecidos da boa conduta, funcionam mais ou menos da mesma maneira.

Mas uma diferença notável entre o estilo de escrita dos textos é a de que Porfírio se coloca como participante, ouvinte, ou ao menos presente, em diversas ocasiões da *Vida de Plotino*. O caráter autobiográfico inserido na obra também é bastante forte, tendo em vista que Porfírio foi um aluno importante de Plotino nos anos finais deste, embora estivesse afastado no momento derradeiro. Assim, testemunhos em primeira pessoa acabam aparecendo em determinados trechos, como: “Eu, Porfírio, testifico que me aproximei desse deus e com ele estive unido, estando em idade de sessenta e oito anos”⁶³.

Obviamente isso não acontece na *Vida de Pitágoras*, já que a distância cronológica impossibilita que Porfírio ateste em suas próprias palavras as qualidades do filósofo. Por isso o estilo de escrita muda, eu diria que de modo perceptível, nesta *Vida*. De início, notamos que o processo historiográfico de que falamos está muito presente nessa obra, e não na *Vida de Plotino*. A respeito de Plotino, Porfírio embasa seus argumentos principalmente no que seus contemporâneos diziam do sábio, por meio de escritos, tratados ou cartas, sendo que ele próprio teria tido

⁶³ Porfírio, *Vida de Plotino*, XXIII.

acesso direto a essas informações e, a partir delas, constituído seu texto. Em algumas ocasiões, como a citada logo acima, ele mesmo faz afirmações a respeito de Plotino. Pois com Pitágoras o processo é muito diferente. Porfírio reúne numerosas fontes escritas anteriores que tratam da vida do filósofo, de modo que é apresentada uma exposição com um grau muito maior de impessoalidade por parte do autor. Na *Vida de Pitágoras* as informações sempre provêm do outro, e, portanto, não haveria manipulação nenhuma por parte do autor. Outro ponto é o de que sempre há ponderação sobre as divergências ou concordâncias entre as fontes usadas por Porfírio, e assim nunca é apresentada apenas uma versão para uma informação que possa contar duas ou mais versões. O autor sempre toma o cuidado de nos informar as proveniências do que está sendo dito. Mas mesmo na *Vida de Plotino*, podemos pensar que a transcrição das cartas que tratam da filosofia plotiniana possa ter a função de atestar alguma veracidade às discussões a que Porfírio está dedicando sua atenção.

Vimos também que a *Vida de Pitágoras* procura seguir uma ordem cronológica mais fiel, e que coloca o texto mais próximo aos demais textos biográficos que observamos neste trabalho. Naqueles, a cronologia funciona da mesma maneira. O único texto que foge ao modelo é justamente a *Vida de Plotino*, que se inicia lançando mão de um proêmio que argumenta contra a representação pictórica, já introduzindo um assunto importante para a filosofia de Plotino, e que será retomado quando da morte do filósofo. A morte, aliás, é o assunto que se segue ao proêmio, e é usada como argumento por Porfírio para provar a divindade de Plotino, pela maneira como este se comporta em seus momentos finais. Apesar de a estratégia retórica ser semelhante às que vimos com Pitágoras e Demônax nos momentos de suas mortes, aqui não temos a mesma ordem cronológica dos fatos, sendo a morte um foco apresentado logo nas seções iniciais do texto. Além disso, não devemos nos esquecer que também aqui Porfírio dá diversos testemunhos também de caráter autobiográfico, o que não acontece de maneira alguma nos outros textos.

A fase de formação do biografado é também um assunto de grande importância. Os “gigantes intelectuais”⁶⁴ Pitágoras e Plotino passaram obrigatoriamente por uma longa fase de educação até que pudessem começar a

⁶⁴ Clark, G. *Philosophic Lives and Philosophic Life*. In: Häag & Rousseau (Ed.). *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 48.

ensinar. Já discutimos alguns exemplos da fase de formação de Pitágoras, principalmente no que se refere a seus conhecimentos matemáticos. Vejamos agora um trecho referente ao que se diz sobre uma fase da educação de Plotino:

Daquele dia em diante ele permaneceu constantemente na companhia de Amônio, e alcançou tamanha proficiência na filosofia que já estava ansiando a se familiarizar com as práticas correspondentes dos persas e com as maneiras seguidas na Índia. E, como o Imperador Gordiano estava preparando uma expedição contra os persas, ele ofereceu seus serviços como soldado e foi com eles, estando já com trinta e nove anos. Permanecera ele como discípulo de Amônio por onze anos inteiros. Mas quando Gordiano pereceu próximo à Mesopotâmia, ele escapou com dificuldade para a Antioquia e sobreviveu. E quando o Imperador Filipe assumiu o poder, ele foi para Roma, estando com quarenta anos de idade. (Porfírio, *Vida de Plotino*, III)

Sabemos ser esse um assunto recorrente no gênero biográfico, mas certamente a concisão do texto sobre Plotino é muito maior. A fase da educação de Pitágoras narrada por Porfírio se mostra muito mais longa e detalhada, fazendo referências a conhecimentos específicos que teriam sido apreendidos de diferentes povos. Assim como em demais ocasiões no texto sobre Pitágoras, pudemos notar o quanto a estrutura narrativa é mais privilegiada que no texto sobre Plotino.

Seria, portanto, repetitivo voltar a evocar inúmeros exemplos textuais para remeter aos mesmos elementos a que já aludimos em momentos anteriores deste trabalho. O que devemos ter em vista é que estruturalmente as duas *Vidas* são bem diferentes, mas muitos dos recursos convencionais do gênero biográfico estão presentes em ambas as obras. Porfírio explicita ter contado a “história de uma vida” no fim da *Vida de Plotino*, e, baseado em fontes escritas de tempos anteriores, fez o mesmo na *Vida de Pitágoras*. Assim, a primeira afirmação que adotamos no primeiro capítulo deste trabalho, que serviria como um princípio básico para que se considerasse uma obra como biográfica, foi observado também nessas duas obras: a biografia é a narração da vida de um indivíduo. Claro que estiveram sempre servindo aos propósitos exteriores de Porfírio enquanto terrenos de debate filosófico-religioso, e por isso foram adornadas com inúmeras artimanhas retóricas de defesa das doutrinas às quais o autor seria filiado. A *Vida de Pitágoras*, mais extensa, abrangendo pelo menos 61 parágrafos no texto que nos sobrou, se contrasta com os (apenas) 26 parágrafos de *Vida de Plotino*. Mesmo que ainda se trate da biografia de um homem santo, a *Vida de Pitágoras* retoma muito mais fortemente a tradição

formal da biografia que foi iniciada por Xenofonte na *Ciropedia*, ainda em forma de um tipo de romance, e convencionada em *Agesilau*, e também utilizada por Isócrates em *Evágoras*. Luciano de Samósata nos demonstrou, ainda mais do que todos os outros, a possibilidade que a forma biográfica nos apresenta em termos de defesa de uma personalidade e de uma doutrina, já que promoveu a *Vida* de alguém fictício⁶⁵ em *Demônax*, conscientemente, além de também utilizar seu texto como campo de debate filosófico. A *Vida de Plotino* certamente destoa formalmente desse conjunto de obras. Em termos de conteúdo, devemos dizer que nem tanto. Mas é certo que as inovações que Porfírio insere em seu texto são, de fato, elementos que não encontramos nos textos anteriores: a saber, principalmente o vasto uso da primeira pessoa e da inserção do autor no contexto da vida do próprio biografado⁶⁶; a transliteração de cartas dos personagens envolvidos para documentação e embasamento dos argumentos propostos; a listagem da organização feita por Porfírio dos escritos de Plotino, primeiro em ordem cronológica e, por fim, por assuntos. Vale lembrar ainda que as enumerações das qualidades de Plotino sempre foram retomadas por meio das palavras de terceiros, como acontece no depoimento de Longino entre as seções 17 e 21, e o testemunho dos deuses, nas seções 22 e 23, o que nos mostra que Porfírio, mesmo envolvido diretamente em parte da *Vida* do mestre, ainda procura argumentos que não os seus que tornem verossímeis a sua defesa.

Julgo, por fim, que este trabalho tenha cumprido o seu propósito de investigar, dentro das possibilidades, os usos da forma biográfica por Porfírio. Certamente o uso dos demais textos biográficos nos serviu de maneira decisiva para a análise da forma, assim como as teorias a que recorreremos a respeito do gênero. Não deixaria de ser adequado adaptarmos as palavras do próprio Porfírio para o fechamento deste terceiro e último capítulo, sob a luz do divino Plotino:

E dizendo que os deuses freqüentemente o orientaram quando ele estava se desviando, enviando um constante raio de luz, significa que ele escreveu o que escreveu sob seus exames e vigilâncias. (Porfírio, *Vida de Plotino*, XXIII)

⁶⁵ Pelo menos até onde sabemos.

⁶⁶ Isócrates foi inovador em *Evágoras* ao ter escrito pela primeira vez a *Vida* de um contemporâneo. Luciano, em *Demônax*, afirma na voz da primeira pessoa ter sido o filósofo biografado o “melhor dos homens que conheceu”. Mas certamente nenhum desses casos demonstra um envolvimento tão forte do autor com o biografado como acontece na *Vida de Plotino*.

CONCLUSÃO

A biografia possibilita o diálogo de seu objeto principal de comunicação, o sujeito biografado, com variadas áreas de conhecimento e possibilidades de interlocução, seja por motivos educacionais, seja por motivos políticos, religiosos, ou outros. Pudemos ver o quanto a idéia de um sujeito histórico pode ser metamorfoseada, em uma fusão nem tão sutil operada pelo biógrafo, para o surgimento de uma idealização personificada. Essa operação requer, como vimos em alguns exemplos, dois elementos básicos: o personagem histórico, contemporâneo ou não do biógrafo em questão, e a idealização, promovida por esse autor, a ser unida ao tal personagem. A idéia de concretização do mito, então, vai na direção da procura de uma verossimilhança que se apóia no reconhecimento do leitor em uma realização real do maravilhoso apresentado. Os exemplos mostrados durante nosso trabalho foram mais do que suficientes para ilustrar essas situações, seja pelas realizações magnânimas de Ciro enquanto soberano ideal dos domínios persas, seja pelas capacidades sobre-humanas de Evágoras e de Agesilau enquanto não só reis mas também guerreiros de valor incomparável, seja pelas condutas de Demônax, Pitágoras e Plotino enquanto homens santos em contato direto com a sabedoria da esfera divina. O gênero biográfico, assim, em todo seu percurso, nunca deixou de lado as características encomiásticas que, longe de reduzirem as obras a simples elogios, acabam por inflar as capacidades dos biografados a níveis super-humanos, física e moralmente.

O século terceiro nos mostrou a necessidade que se havia de que fossem promulgados debates filosóficos e religiosos, já que o Império Romano passava por sérias crises administrativas, e o povo, cada vez mais à procura da consolidação da fé, era alvo de discursos promovidos, por um lado, pelo cristianismo, e por outro, pelo neoplatonismo. Nesse contexto surge Plotino como um dos maiores nomes – ou talvez o maior – da filosofia do período, e sua figura é uma das adotadas por Porfírio, seu discípulo, para transmissão dos ensinamentos da escola Neoplatônica. Pitágoras, no entanto, serve para um intuito ainda mais ambicioso, que é o de se criar um rival à altura de Jesus Cristo, como uma estratégia de defesa do neoplatonismo frente à crescente arrancada cristã, a nova religião que arrebanhava cada vez mais fiéis.

Plotino e Pitágoras serviram, então, a propósitos que os distanciaram de suas figuras “históricas”, para que assim assumissem propósitos acordados pelo escritor de suas biografias. Assim também foi com os outros.

Ao que podemos ver nessa breve abordagem que pudemos realizar, a biografia é plenamente realizável enquanto proposição de modelos de conduta. Enquanto Porfírio e Luciano trabalhavam dentro do estilo com intenções de doutrinação filosófica ou introdução a determinados ensinamentos filosóficos, Xenofonte proporia na *Ciropedia*, por exemplo, não apenas o modelo de conduta de um soberano ideal em um império ideal, mas também a crítica à própria república ateniense em detrimento de um poder centralizado.

E assim, embora tenhamos noção da presença ficcional nas narrativas e anedotas apresentadas pelos biógrafos, nos deparamos a todo o tempo com afirmações que nos juram: aqui foi contada a história de um homem, tal e qual ela aconteceu – ou tal e qual “me contaram”, alguns dirão. Historicamente factual ou não, o que nos interessou foi o fato de que, sim, vidas foram escritas por esses homens, e elas serviram a propósitos que, sim, interessavam a esses homens – e especialmente a eles.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. São Paulo: UNESP, 1993.
- BIGELOW, J. *Universais. Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Londres: Routledge, 1998. Versão em português: http://criticanarede.com/met_universais.html
- COX, Patricia. *Biography in Late Antiquity: A Quest for the Holy Man*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- DE JONG, Irene (ed.) *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature – Studies in Ancient Greek Narrative, Volume I*. Leiden: Boston, 2004.
- EDWARDS, M. *Neoplatonic Saints: The lives of Plotinus and Proclus by their students*. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.
- HÄAG, T. & ROUSSEAU, P. *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 2000.
- INGE, William. *The philosophy of Plotinus*. 3rd. ed. London: Longmans, 1948. 2v (The Gifford lectures at St. Andrews, 1917-1918).
- ISOCRATES. *The orations of Isocrates, volume 1*. Tradução e notas por John Henry Freese. George Bell and sons: Harvard, 1894.
- LUCIANO. *Obras (vol. I)*. Tradução e notas por Andrés Espinosa Alarcón. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne*. Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot. Strausbourg: Circé, 1991.
- _____. *Os limites da helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- MORGAN, J. R. & STONEMAN, R., *Greek Fiction: The Greek Novel In Context*, London, 1994.
- PORPHYRE. *La Vie de Plotin*. Préface de Jean Pépin. Paris: J. Vrin, 1982 – 1992. (2 tomos)
- PORFÍRIO. *Vida de Pitágoras. Argonáuticas Órficas. Himnos Órficos*. Introdução, tradução e notas por M. Periago. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- XENOFONTE, *Ciropédia*. Trad. de João Félix Pereira. São Paulo: 1949.

XENOPHON. *Xenophon in Seven Volumes*, 7. E. C. Marchant, G. W. Bowersock, tr. Constitution of the Athenians. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1925.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004.